FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA - NCET
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG

ANÁLISE DOS IMPACTOS POSITIVOS DO BENEFÍCIO DE PRESTAÇÃO CONTINUADA NA VIDA DAS MULHERES IDOSAS DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO – PORTO VELHO

JOÃO BATISTA ALVES DE JESUS

Porto Velho
2018

JOÃO BATISTA ALVES DE JESUS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANÁLISE DOS IMPACTOS POSITIVOS DO BENEFÍCIO DE PRESTAÇÃO CONTINUADA NA VIDA DAS MULHERES IDOSAS DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO – PORTO VELHO

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Linha de pesquisa: Território e Sociedade na Pan Amazônia - TSP Orientadora: Profª. Drª. Maria das Graças Silva Nascimento Silva.

Porto Velho
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

J58a Jesus, João Batista Alves de.

Análise dos impactos positivos do benefício de prestação continuada na vida das mulheres idosas do centro de convivência do idoso - Porto Velho / João Batista Alves de Jesus. -- Porto Velho, RO, 2018.

109 f. : il.

Orientador(a): Prof.ª Dra. Maria das Graças Nascimento Silva

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Envelhecimento Humano. 2.Gênero. 3.Benefício de Prestação Continuada. 4.Espaço. 5.Lugar. I. Silva, Maria das Graças Nascimento. II. Título.

CDU 911. 3

Bibliotecário(a) Cristiane Marina Teixeira Girard CRB 11/897

PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM GEOGRAFIA
Ambiente e Território na Pan-Amazônia

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
UNIR

Ministério da Educação - MEC
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR
Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET/UNIR
Departamento de Geografia – DGEO/UNIR
Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG/UNIR

Programa de Pós-Graduação em Geografia / PPGG

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

João Batista Alves de Jesus

A Banca de Defesa de Mestrado presidida pela Orientadora e Presidente **Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva** e constituída pelos examinadores: **Prof. Dr. José Januário de Oliveira Amaral** - Examinador Interno/PPGG/UNIR e **Profa. Dra. Rosa Martins Costa Pereira** – Examinadora Externa/IFRO/Reitoria, reuniram-se em 30 de novembro de 2018, às 9 horas, no Auditório Milton Santos/CEGEA/UNIR/Bloco 1T, para avaliar a dissertação de mestrado intitulada: "Análise Dos Impactos Positivos Do Benefício De Prestação Continuada Na Vida Das Mulheres Idosas Do Centro De Convivência Do Idoso – Porto Velho" do mestrando **João Batista Alves de Jesus,** matrícula 20162001756. Após a explanação do pós-graduando e arguição pela Banca Examinadora, a referida **DISSERTAÇÃO** foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada APROVADA. O Candidato terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação, sob pena de invalidação, pelo Colegiado, do processo de Defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 83 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Dissertação revisada e a comprovação do cumprimento dos demais créditos, conforme Regimento Interno. ***Este documento tem validade de 90 dias a contar desta data.***

Porto Velho-RO, 30 de novembro de 2018.

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Orientadora/Presidente

Prof. Dr. José Januário de Oliveira Amaral
Examinador Interno/PPGG/UNIR

Rosa M. Costa Pereira
Profa. Dra. Rosa Martins Costa Pereira
Examinadora Externa/IFRO/Reitoria

EPÍGRAFE

Amplia o lugar da tua tenda, e estendam-se as cortinas das tuas habitações; não o impeças; alonga as tuas cordas, e firma bem as tuas estacas.
ISAÍAS, 54:2

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação àquela que sempre esteve ao meu lado, minha esposa Franciele Pereira Lacerda Alves (*In memorian),* pessoa com quem tive o prazer de compartilhar momentos bons e ruins, durante 10 anos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus criador do universo que me ajudou, sustentou e guiou meus passos até aqui, permitindo – me chegar a conclusão deste mestrado.

Aos meus pais e irmãos pelo incentivo, carinho e por suportarem minhas angustias, sempre aconselhando – me e encorajando – me a encarar os mais diversos desafios impostos pela vida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG desta universidade, ao Grupo de Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO e ao Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vidas e Culturas Amazônicas – GEPCULTURA, que através das aulas teóricas e também de campos fizeram – me compreender cada vez mais os conceitos de análise da ciência geográfica, bem como, a ter outro olhar para o humano.

Aos professores; Francisco de Assis Mendonça, Maria Madalena de Aguiar Cavalcante, Mauro José Ferreira Cury, Josué da Costa Silva.

A Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva (gracinha) – minha querida orientadora, foi muito paciente comigo, entendendo meu pior momento (luto) e também a quem ouso chamar de uma segunda “mãe”.

Aos colegas de trabalho na Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, João Paulo Barroso, Lucila Batista Oliveira, Anderson Pinheiro da Silva, Douglas Borges e Souza e Bruno Martins Alexandre.

Ao Centro de Convivência do Idoso – CCI que permitiu a realização deste estudo nas suas dependências, em especial à Luci Maria e Elza Valadares por terem contribuído significativamente com essa pesquisa. Às idosas que se disponibilizaram a participar da pesquisa, mesmo com um ar de desconfiança.

À minha namorada Kássia Alves Costa por ter chegado em minha vida trazendo cor para meus “dias cinzentos” e também por compreender minhas ausências.

Aos amigos que conheci durante o período da realização do mestrado; Gilceli Correia de Oliveira (Gil), Laura Nisinga Cabral, Willimis Alves Pereira, Durcelene Aparecida da Silva, Agna Maria de Souza Coelho, Francisco Oro Waram, Gasodá Suruí, Janete Farias Mendonça e Jefferson Henrique Cidreira, por terem contribuído de alguma forma durante a trajetória no mestrado.

RESUMO

Esta dissertação se propôs a estudar os impactos positivos do Benefício de Prestação Continuada – BPC na vida de mulheres idosas que frequentam o Centro de Convivência do Idoso – CCI, bem como a forma que elas percebem e representam o espaço do referido centro, sendo este o *lugar* de referência das mesmas, além das relações com seus familiares, estabelecidas em suas respectivas residências. Para atingirmos os objetivos propostos, adotamos como método a abordagem fenomenológica, embasada na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, quanto à metodologia, adotamos a qualitativa por ser esta desveladora da realidade e as entrevistas semiestruturadas que foram analisadas segundo a técnica da história oral.

Tendo em vista o aumento da população idosa no Brasil nos últimos anos, sendo as mulheres a maioria 51,03% (IBGE, 2010) é imprescindível saber com vive parte dessa população, no caso aqui em tela, quais foram as mudanças ocorridas com o recebimento do Benefício de Prestação Continuada. Os resultados obtidos apontam que houve uma melhoria na qualidade de vida do público estudado, possibilitando a elas, uma independência em relação aos filhos. Mesmo sabendo que o salário mínimo vigente em nosso País ainda está muito distante do ideal, fica evidente nas entrevistas realizadas, o sentimento de gratidão por dispor de pelo menos esse rendimento. O benefício de prestação continuada faz parte da política da Assistência Social, constante na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS – Lei Federal de nº 8.742/93, em seu artigo 2º, o qual garante o pagamento de 01 (um) salário mínimo mensal para as pessoas com deficiência e idosos que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida pela sua família. Além dos critérios informados acima, no caso do idoso, deve ter no mínimo 65 (sessenta e cinco) de idade para a concessão do referido benefício.

Palavras – chave: Envelhecimento humano, Gênero, Benefício de Prestação Continuada, Espaço e Lugar.

ABSTRACT

This dissertation proposed to study the positive impacts of the Continuous Benefit Benefit - BPC on the life of elderly women who attend the Center for the Coexistence of the Elderly - CCI, as well as the way they perceive and represent the space of said center, being this the place of reference of the same, besides the relations with their relatives, established in their respective residences.In order to reach the proposed objectives, we adopted as a method the phenomenological approach, based on the Merleau - Ponty 's phenomenology of perception, regarding the methodology, adopting qualitative as this revealing reality and semi - structured interviews that were analyzed according to oral history technique. Considering the increase in the elderly population in Brazil in recent years, with women being the majority 51.03% (IBGE, 2010), it is essential to know with live part of this population, in the case here on screen, what were the changes that occurred with the receipt of the Continuous Benefit Benefit. The results show that there was an improvement in the quality of life of the studied public, allowing them an independence in relation to their children. Even though we know that the minimum wage in force in our country is still far from ideal, it is evident in the interviews conducted, the feeling of gratitude for having at least that income. The continuous benefit benefit is part of the Social Assistance policy, contained in the Organic Law of Social Assistance - LOAS - Federal Law no. 8,742 / 93, in its article 2, which guarantees the payment of 01 (one) monthly minimum wage for disabled persons and elderly people who prove that they do not have the means to provide for their own maintenance or have it provided by their family. In addition to the criteria mentioned above, in the case of the elderly, must be at least 65 (sixty-five) of age for the grant of said benefit.

Key – Words: Human Aging, Gender, Continuous Benefit Benefit, Space and Place

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Parte da zona urbana de Porto Velho.....19
Figura 02 - Fachada principal do CCI.....29
Figura 03 - Nazaré Maia Gomes.....61
Figura 04 - Terezinha de Jesus Ribeiro Silva.....65
Figura 05 - Maria Nazaré Rocha.....71
Tabela 01 – Percepções das idosas sobre o recebimento do BPC.....77
– 78

LISTA DE SIGLAS

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BIRD – Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento

BPC – Benefício de Prestação Continuada

CCI – Centro de Convivência do Idoso

CEME – Central de Medicamentos

CPDOC – FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social

DATAPREV – Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social

ECOSOC – Conselho Econômico e Social das Nações Unidas

FMI – Fundo Monetário Internacional

FUNABEM – Fundação para o Bem-Estar do Menor

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

LBA – Legião Brasileira de Assistência

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social

MDS – Ministério de Desenvolvimento Social

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

RMV – Renda Mensal Vitalícia

UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

WHO – World Health Organization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....17

CAPÍTULO I.....21

ABORDAGEM TEÓRICA DA PESQUISA EM GEOGRAFIA: ESPAÇO, LUGAR, GÊNERO E ENVELHECIMENTO HUMANO.....21

1.1 Um olhar sobre o espaço urbano de Porto Velho.....24

1.2 A construção histórica da categoria gênero e sua inserção na Geografia.....28

1.3 O envelhecimento humano da população brasileira.....32

CAPÍTULO II 40

CAMINHOS DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....40

2.1 O ponto de partida; *locus* da pesquisa – Centro de Convivência do Idoso – CCI.....41

2.2 Os sujeitos da pesquisa e a busca do método.....44

2.3 A história oral como forma de interpretar a percepção dos sujeitos pesquisados.....50

2.4 O trabalho de campo e seus desafios.....55

2.5 Organograma dos procedimentos metodológicos.....57

CAPÍTULO III 58

RESULTADOS E DISCUSSÕES: ESTUDO DO CONTEXTO DE CRIAÇÃO DO BPC, NARRATIVA DAS IDOSAS E AS RESPECTIVAS INTERPRETAÇÕES..... 58

3.1 Contexto político de criação do BPC; evoluções e lacunas..... 59

3.2 Narrativa das idosas..... 63

3.3 Qualidade de Vida: definição ainda em construção.....76

3.4 Interpretação das narrativas das idosas.....78

3.4.1 Percepções acerca do benefício de prestação continuada.....79

3.4.2 Percepção acerca do espaço vivido pelas idosas.....82

CONSIDERAÇÕES FINAIS 86

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 89

ANEXOS.....95

ANEXO A – Plano de ação do CCI 2016.....95
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....103

APRESENTAÇÃO

Antes de adentrar na escrita da dissertação, vou falar um pouco da minha trajetória acadêmica até o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia-UNIR.

Tudo começou ainda durante a minha graduação em Serviço Social, já no penúltimo semestre do curso, quando cursei a disciplina de Questão de Gênero, Etnias e Minorias, dali em diante, passou a me chamar atenção questões relacionadas ao gênero, em especial, o feminino.

Por falta de informações e também pela escassez de estudos sobre a temática de gênero no serviço social aqui em Rondônia, acabei deixando em *stand by* minha pretensão de pesquisar algo relacionado à questão de gênero. Pois bem, no ano de 2012, ao concluir minha graduação, já estava aprovado num concurso público para o cargo de Assistente Social na Prefeitura de Porto Velho, fui convocado no mês de junho daquele mesmo ano, empossado em agosto. Fui designado para trabalhar no Centro de Referência Especializada de Assistência Social – CREAS, o público atendido é composto de adolescentes em conflito com a lei.

Durante o período em que trabalhei com aqueles adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas, algo me chamava bastante atenção; cerca de 90% era do sexo masculino, maioria esmagadora, quando realiza as visitas domiciliares, percebia quase sempre a ausência da figura paterna nas residências e nas vidas dos adolescentes atendidos. Cada vez mais, me instigava toda essa problemática e por não ter definido ainda um tema de pesquisa, acabei adiando meu desejo de ingressar num programa de pós-graduação *stricto sensu* e desenvolver um estudo referente a esta temática.

Outro fator que contribuiu para minha inserção nos estudos de gênero é o fato de ter escolhido uma profissão majoritariamente feminina, cerca de 97% da categoria é composta por pessoas do sexo feminino (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2005, P. 19). Talvez por ser uma profissão ligada a “cuidados”, é que temos um grande contingente de mulheres no serviço social, uma vez que de acordo com os

padrões impostos na nossa sociedade a função de cuidar do outro é designada para elas.

Uma inquietação minha, observando que as mulheres mesmo sendo a maioria da nossa população, ainda sofrem com diversos preconceitos, discriminações e outras formas de opressão. Quando há uma separação entre casais heterossexuais, os filhos geralmente ficam com as mães, os pais na maioria das vezes, abandona-os a própria sorte, além disso, é comum atribuir a culpa do fracasso do relacionamento à esposa.

No ano de 2013, prestei concurso público para trabalhar nesta universidade, para o cargo de Assistente Social, fui aprovado, sendo convocado e empossado em setembro de 2014. Quando cheguei a esta universidade, vi ali um mundo de possibilidades muito além da realização das minhas atividades laborais, mas ainda não tinha conhecimento de algum docente que orientava/pesquisava sobre gênero.

Passados quase 04 (quatro) meses de o meu ingresso na UNIR, numa visita em que eu estava auxiliando um colega, chegamos no “prédio da geografia”, em seguida fomos a outro prédio onde estão os laboratórios da geografia. Naquele momento, me deparei com a professora Maria das Graças orientando uma aluna sobre gênero, minha primeira reação foi de surpresa com um misto de espanto, pois se imagina que a geografia não estuda outras coisas que não estejam ligadas aos estudos cartográficos, ainda mais no meu caso, que meu conhecimento da ciência geográfica era parco porque estudei sempre em escolas públicas, cujos professores, na maioria das vezes sequer tinham formação na área. Em seguida me dirigi até a sala da professora Maria das Graças e fiz a seguinte pergunta:

- Professora, a geografia também estuda relações de gênero?

Ela pacientemente, com um sorriso no rosto me respondeu:

-A geografia estuda tudo! Até as emoções vividas pelos sujeitos, a geografia está estudando. Ela (a geografia) está em tudo que você pensar.

A partir daí vi uma possibilidade de desenvolver algum estudo referente às relações de gênero, mas o quê estudar? Não sabia nem por onde começar! Ainda mais noutra área completamente diferente da minha. Aproximei-me da professora Maria das Graças, para falar da minha pretensão de pesquisar sobre gênero, e ela

carinhosamente, emprestou-me alguns livros sobre estudos de gênero da ciência geográfica, tudo isso no início do ano de 2015.

Li aqueles livros e via novas possibilidades a minha frente, foi difícil entender as categorias de análise da geografia, quanta confusão na minha cabeça naquele momento! Por fim, comecei a entender um pouco sobre as tais categorias de análise da geografia, manifestei interesse de estudar sobre adolescentes em conflito com a lei e a questão de gênero, porém, não havia nenhum estudo sobre essa temática aqui no nosso Estado e também por não ter acesso aos poucos bancos de dados existentes desistiu de realizar um estudo com os adolescentes em conflito com a lei.

Havia desistido de pesquisar sobre adolescentes em conflito com a lei, mas não de pesquisar sobre gênero. Participei de algumas atividades relacionadas ao envelhecimento da população brasileira e as implicações deste. Desenvolvo um projeto de preparação para a aposentadoria nesta universidade, comecei a observar que o envelhecimento humano embora tão presente no nosso meio, é muitas vezes ignorado, pois temos a idealização da eterna juventude.

A partir de então que fiz a seguinte indagação:

-Por que não desenvolvo uma pesquisa sobre gênero e envelhecimento humano na geografia?

É um tema muito amplo, comecei a delimitar, chegando a conclusão de fazer um projeto de pesquisa sobre os impactos positivos do benefício de prestação continuada na vida das mulheres idosas. Mas como fazer isso? Recorri novamente ao material emprestado/cedido pela professora Maria das Graças, além de ter lido algumas dissertações do programa.

Já em 2016, participei da seleção deste programa de pós-graduação, no qual fui aprovado na 8º colocação, num total de 20 vagas disponíveis naquele ano.

A partir da minha inserção no mestrado em geografia, comecei a ter mais contato com autores desta ciência, num primeiro momento na disciplina de Epistemologia da geografia, apesar das dificuldades no início, consegui absorver parte do conteúdo que inclusive compõe meu referencial teórico.

Em outubro de 2017 tive a oportunidade de participar do XII Encontro Nacional da Associação de Pós-graduação em Geografia em Porto Alegre/RS, onde tive um

artigo aprovado para apresentação no Grupo de Trabalho intitulado – Geografia e Diversidade: Gêneros, Sexualidades, Etnicidades e Racialidades, além de ter a oportunidade de conhecer alguns autores que constam como referência neste trabalho, são eles: Sandra Lencioni, Márcio José Ornat, Joseli Maria da Silva e a querida professora e precursora dos estudos de gênero na geografia, Rosa Ester Rossini.

Agora, na fase de conclusão do mestrado em Geografia, tenho clareza do quão importante é esta ciência, minha visão de mundo mudou significativamente a partir dos estudos em geografia, abriu-se como um leque de possibilidades de ver e interpretar o mundo. Meu sentimento é de gratidão, se fosse escolher novamente, escolheria o programa de pós-graduação em Geografia.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida no Centro de Convivência do Idoso – CCI, localizado na Avenida Amazonas nº 6888 bairro Tiradentes, na zona leste da cidade de Porto Velho, Estado de Rondônia. Buscou-se analisar os impactos positivos do Benefício do Benefício de Prestação Continuada – BPC na qualidade de vida das mulheres idosas, bem como estudar o espaço vivido por elas.

A escolha do Centro de Convivência do Idoso se deu pelo fato de ser uma instituição que atende pessoas idosas, cuja condição é ter idade igual ou superior a 60 anos, conforme previsto no Estatuto de Idoso – Lei Federal de nº 10.741/03 e também pelo fato de haver um público que recebe o Benefício de Prestação Continuada – BPC, a instituição pesquisada não dispõe de dados do quantitativo de idosas que recebem o BPC. Trata-se de um benefício da política da Assistência Social, constante na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS – Lei Federal de nº 8.742/93, em seu artigo 2º, o qual garante o pagamento de 01 (um) salário mínimo mensal para as pessoas com deficiência e idosos que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida pela sua família. Além dos critérios informados acima, no caso do idoso, deve ter no mínimo 65 (sessenta e cinco) de idade para a concessão do referido benefício.

Como no Centro de Convivência do Idoso – CCI são desenvolvidas inúmeras atividades de lazer, culturais, educacionais e de pesquisa, vimos então, certa facilidade para o desenvolvimento desta pesquisa, haja vista aquele público já ter familiaridade com pesquisadores de diversas áreas.

A velhice em nossa sociedade ocidental, ainda é encarada como o fim da vida, envelhecer é entendido na maioria das vezes, como um castigo, pois o corpo não possui mais a vitalidade que tinha na juventude, rugas aparecem, problemas de saúde se tornam mais comuns. A velhice está cada vez mais presente, o contingente de pessoas idosas vem aumentando no Brasil, nas últimas décadas diminuiu a taxa de natalidade e por outro lado aumentou a expectativa de vida, fato comprovado pelo Censo Demográfico de 2010 do IBGE, no qual apontou um resultado de 1,9 filho por mulher. Alves (2015) destaca que isto significa que a cada ano nascem menos crianças

na pirâmide brasileira, mas o alto número de crianças que nasceram quando a fecundidade era alta vai fazer parte do grupo de idosos nas próximas décadas. Nesse contexto da população idosa brasileira, as mulheres são a maioria, para ser mais preciso, elas compõem 51,03 % da população brasileira (IBGE, 2010), por esta razão, compreender cada vez mais a velhice através de estudos, fomentará debates, criação e ampliação de políticas públicas para este segmento população, especialmente, no que se refere ao gênero feminino na velhice.

Para entendermos os impactos na qualidade de vida, causados pelo Benefício de Prestação Continuada - BPC que as idosas recebem, só foi possível se compreendermos suas percepções sob a ótica das categorias e subcategorias de análise da geografia, gênero, espaço e lugar. Para isso, buscamos aporte no arcabouço teórico das disciplinas de: Epistemologia da Geografia, Geografia Cultural, Métodos e Técnicas da Pesquisa em Geografia e Geografia, Gênero e Políticas Públicas. Inicialmente convidamos as idosas que recebem o BPC para participar da presente pesquisa, porém apenas 03 (três) se dispuseram a colaborar.

Como para se enquadrar nos requisitos para concessão do BPC deve se ter idade igual ou superior a 65 (sessenta e cinco) anos, o nosso público estudado está nessa faixa etária, sendo assim, nesta dissertação todas as idosas estão com idade acima de 65 (sessenta e cinco) anos.

Quais foram os impactos positivos do Benefício de Prestação Continuada - BPC causados na vida das idosas estudadas? Partindo desta pergunta é que propusemos a pesquisar e posteriormente conhecer como vive parte desse segmento populacional na zona urbana de Porto Velho.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo, o método empregado é o fenomenológico, a escolha desse método dá se pela subjetividade da pesquisa, razão pela qual entendemos ser o mais adequado. Sendo assim, a geografia contribuirá para o estudo e entendimento das mudanças ocorridas na vida das mulheres idosas que recebem o benefício de prestação continuada- BPC, além do significado de *lugar* que o Centro de Convivência do Idoso – CCI possui para elas.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado “A abordagem teórica da pesquisa em geografia: espaço, lugar, gênero e envelhecimento

humano” foram abordados os fundamentos teóricos da pesquisa em geografia, que embasam o presente trabalho, escolhemos a geografia humana para melhor entendimento do conceito de espaço, com ênfase para o urbano, no qual ocorrem as relações de gêneros, assim como o processo de envelhecimento.

No segundo capítulo, denominado “Caminhos da pesquisa: processos metodológicos” são apresentadas as metodologias de interpretação e de investigação utilizadas no trabalho, bem como os instrumentais adotados para a coleta de dados, a metodologia de análise para as entrevistas realizadas, bem como o local de realização da pesquisa de campo. Além de contextualizar a política pública de Assistência Social em nosso País.

No terceiro capítulo, intitulado “resultados e discussões: estudo do contexto de criação do Benefício de Prestação Continuada - BPC, narrativas das idosas e tentativas de interpretação”, apresenta o contexto político nacional da criação do BPC, bem como as evoluções e eventuais lacunas. Também é nesse capítulo em que são transcritas as narrativas das idosas entrevistadas. Trabalhamos com o conceito de qualidade de vida, interpretação das narrativas das idosas, além das percepções das idosas sobre o benefício de prestação continuada e do espaço vivido por elas.

Este espaço vivido pelas idosas é construído a partir de representações de gênero, ficando evidente “as responsabilidades” destas mulheres frente à criação de seus filhos, pois a maioria relatou não ter cônjuge, tendo criado sozinhas seus respectivos filhos. Pouco a pouco fomos entendendo a dinâmica da vida dessas mulheres que agora estão envelhecidas, mas tiveram grande parte de suas vidas marcadas pelo sofrimento, doenças e até mesmo o pior dos males para os idosos: a solidão. Esta última fica evidente nas narrativas das idosas, quando dizem; se eu não vier pra cá, para o centro de convivência do idoso, vou ficar em casa sozinha vendo televisão.

Mesmo vivendo com poucos recursos financeiros, as idosas então estudadas informaram o quão importante é ter a certeza do recebimento desse salário mínimo mensalmente. Embora os gastos com medicamentos estejam em evidência, observamos em todas as falas, os gastos com alimentação.

Sobre o espaço vivido por essas idosas, observamos que há um sentimento de pertencimento ao lugar, sabemos que os sentimentos e as percepções são fatores subjetivos que constituem parte intrínseca da vida das pessoas [...] e estão presentes as questões internas de diferenciações de vidas, ações, reações e estímulos de cada pessoa humana. Portanto, essas questões devem ser analisadas na geografia humanista, pois são considerações e estímulos (FERREIRA, 2014, p. 20).

A realização deste estudo poderá contribuir para as novas perspectivas de estudos de gênero na velhice, pautados na geografia humana.

CAPITULO I

ABORDAGEM TEÓRICA DA PESQUISA EM GEOGRAFIA: ESPAÇO, LUGAR, GÊNERO E ENVELHECIMENTO HUMANO

Figura 01: Parte da zona urbana de Porto Velho/RO. (JESUS, 2018).

Neste capítulo, buscaremos os fundamentos teóricos da presente pesquisa na ciência geográfica, com embasamento na geografia humana, procuraremos entender um pouco do conceito de espaço, com ênfase para o urbano, no qual ocorrem as relações de gênero, assim como o processo de envelhecimento, sendo este último o nosso objeto de estudo, ou seja, mulheres idosas que recebem o benefício de prestação continuada – BPC. Vale ressaltar que tal benefício não é apenas para pessoas idosas e de baixa renda, mas também para deficientes incapacitados para o mercado de trabalho, além de não ter sua manutenção provida pela família, em razão desta também dispor de uma renda baixíssima, para sermos mais específicos; em ambos os casos a renda per capita deve ser ¼ do salário mínimo. (LEI FEDERAL Nº 8.742/93).

Para isso, definir-se-á como conceitos de análise espaço, gênero e envelhecimento humano, pois sabemos que a ciência geográfica busca compreender não apenas o meio físico, mas também as relações sociais que se dão em determinados espaços, territórios e lugares. Em meio a um cenário positivista, os geógrafos começaram a perceber algo até então com pouca visibilidade, as relações humanas nos mais diversos espaços geográficos. Corrêa (1986a) aponta que a abordagem espacial, associada à localização das atividades dos homens e aos fluxos, era muito secundária entre os geógrafos. O espaço não era considerado um conceito chave na geografia tradicional, embora esteja presente nas obras de Ratzel e de Harstshorne, mesmo de modo implícito. Ferreira (2016) diz que o homem passou a ser considerado nos seus diversos atributos mundanos; suas emoções, percepções, valores, levando em conta não somente as qualidades materiais da vida cotidiana.

Para o grande geógrafo Paul Claval (2011), a geografia não pode se apoiar exclusivamente na observação da paisagem. E continua asseverando o seguinte:

> Ela se interessa por aqueles que habitam os espaços sobre os quais se debruça, pela maneira como se inserem no meio, como o exploram e modelam. Ela se volta às formas de organização que eles realizam. Ela busca compreender a maneira como vivem os espaços onde residem, ou aqueles que visitam ocasionalmente. O geógrafo interroga, pois, as populações que o interessam. (CLAVAL, 2011, p. 67)

Na década de 1970, surge a geografia crítica, fundada no materialismo histórico e na dialética, foi uma quebra de paradigmas para a geografia porque trata de romper, de um lado, com o tradicionalismo e, de outro, com a geografia teorético – quantitativa. É nesse momento em que o conceito de espaço ganha notoriedade, pois este é concebido como o *locus* das relações sociais de produção. Naquele período, surge a contribuição de Milton Santos com o conceito de formação sócio econômico.

Também na década de 1970, surge a geografia humanista e cultural que de acordo com Corrêa (2000, p. 30) é semelhante à geografia crítica, a geografia humanista, calcada nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo, é uma crítica à geografia de cunho lógico – positivista. Sendo esta corrente a que possibilita o estudo do subjetivismo, da intuição, dos sentimentos, no simbolismo e na contingência, uma vez que privilegia o singular em detrimento do universal (CORRÊA, 2000).

Importante citar a contribuição de Ferreira (2016, p. 121) sobre a reinterpretação de algumas categorias de análise da geografia:

> Categorias como “lugar”, “paisagem” e “Espaço” passaram a ser reinterpretados e ressignificados a partir do horizonte de uma geografia sob as bases da fenomenologia. Sem desconsiderar o conceito de espaço geográfico (normalmente pautado sob o arcabouço do materialismo histórico), geógrafos humanistas se dedicaram ao que se chamou de espaço vivido enquanto um conceito que priorizasse o estudo da experiência geográfica do ser-e-estar-no-mundo.

Assentada sobre a geografia humanista está a dissertação em tela. Por considerar a importância dos estudos sobre as populações, a saber, parte da população idosa residente na zona urbana de Porto Velho, município do Estado de Rondônia é que foi proposto este trabalho, sabendo que o espaço geográfico é definido pelas relações sociais estabelecidas pelos grupos entre eles e a natureza. Dardel (2011, p.33) assevera o seguinte:

> A geografia não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então, um “objeto”; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre.

Ainda de acordo com Dardel (2011) a realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está os lugares de sua infância, o ambiente que atrai a sua presença.

Nesse contexto, estudaremos o espaço urbano da cidade de Porto Velho, não pretende se esgotar o assunto, pois o mesmo é muito denso, razão pela qual, vamos estudar apenas uma parte do referido espaço.

1.1 Um olhar sobre espaço urbano em Porto Velho

O surgimento da cidade de Porto Velho está intimamente ligado à construção da ferrovia Madeira – Mamoré, no início do século XX, mais precisamente em 1907, é então criada por desbravadores. Localizada na margem direita do Rio Madeira, principal afluente da margem direita do Rio Amazonas. Ainda em meados do século XIX aconteceram as primeiras tentativas de construção da ferrovia, tal construção era para escoar a produção de borracha boliviana e também o que era produzido na região de Guajará Mirim. A construção da ferrovia Madeira – Mamoré era necessária para superar o trecho encachoeirado do Rio Madeira, trecho que dificultava a navegação.

Anterior ao surgimento da cidade de Porto Velho se dá o povoamento de Rondônia que de acordo com Nascimento Silva (2000, p.47).

> O povoamento de Rondônia tem início no final do século XVII. Além das comunidades indígenas encontravam se também na região algumas das missões Jesuítas com distribuição espacial irregular. Até o século XVIII só há registro da passagem dos bandeirantes à procura de ouro bem como das “drogas do sertão”, através do Vale do Rio Guaporé.

Conforme assevera Nascimento Silva (2000, p. 47) não há registros de povoamento no atual estado de Rondônia até o século XVIII, apenas bandeirantes em busca das drogas do sertão e também do ouro no vale do Guaporé, sendo este um espaço habitado apenas por indígenas, que são os habitantes naturais. Já nos anos de 1877 – 1879, Segundo Medeiros Filho e Souza (1984, pg. 58) a migração em direção ao norte deu seus primeiros passos na grande seca de 1877 – 1879.

O surgimento do ciclo da borracha transformou se em grande polo de atração para as populações rurais da região Nordeste. Além da construção da estrada de ferro Madeira Mamoré ter atraído trabalhadores de diversas nacionalidades, o primeiro e segundo ciclos da borracha, atrai através de propaganda governamental, uma grande quantidade de trabalhadores para todas as regiões da Amazônia e consequentemente para Porto Velho.

Atualmente de acordo com o IBGE (2017) a população de Porto Velho está estimada em 519.436 habitantes, destes em torno de 90% residem na zona urbana. Possui 11 (onze) distritos, são eles: Abunã, Calama, Demarcação, Extrema, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, Mutum Paraná, Nazaré, Nova Califórnia, São Carlos e Vista Alegre do Abunã, além da sede do município, a saber, a zona urbana. Segundo dados do IBGE (2017), Porto Velho possui uma extensão territorial de 34.068,50 km².

Com inúmeros problemas sociais, o município de Porto Velho “passou” por diversos ciclos de exploração; os dois ciclos da borracha, o da extração de ouro no Rio Madeira e cassiterita nos antigos seringais, passando também pelo ciclo da exploração de madeiras e atualmente encerra – se o ciclo de construção de duas usinas hidrelétricas no rio madeira. Este último transformou consideravelmente o espaço urbano de Porto Velho, a cidade que antes não tinha tantos problemas sociais, agora enfrenta situações dantes desconhecidas, como pessoas em situação de rua, aglomerados de pessoas usuárias de substâncias psicoativas, tais fatos são notáveis, principalmente em alguns pontos da cidade, como nas proximidades da rodoviária, em partes do centro, próxima a uma faculdade privada, localizada no bairro Mato Grosso. (JESUS; NASCIMENTO E SILVA, 2017).

Para Bollnow (2008, p.18), o espaço tampouco é para o homem um meio neutro e constante, mas é preenchido com significados nas relações vitais de atuações opostas, e esses significados, por sua vez, mudam de acordo com os diferentes lugares e regiões.

O urbano é constituído de espaços, sejam eles espaços vivenciados ou vividos, a diferença, de acordo com Bollnow (2008, p. 16) é que “espaço vivenciado” pode ser facilmente entendido como “experiência do espaço” no sentido de uma simples circunstância psíquica, já o “espaço vivido” não se trata de nada psíquico, mas do

próprio espaço. O espaço possui diferenciações além da orientação espacial e também do aspecto físico, marcados por aspectos subjetivos, estes são fundamentais para a relação com os lugares.

Gaston Bachelard em sua obra, A Poética do Espaço, nos chama atenção para o fato de nossas pesquisas merecerem o nome de *topofilia,* pois visam determinar o valor humano dos espaços de posse, espaços proibidos a forças adversas e espaços amados e continua asseverando o seguinte:

> O espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e reflexão do geômetra. É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em particular, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem. O jogo do exterior e da intimidade não é, no reino das imagens, um jogo equilibrado. Por outro lado, os espaços de hostilidade são apenas evocados nas páginas que seguem (BACHELARD, 1993, p. 196).

Por esta razão, espaço e lugar não podem ser vistos de maneira dissociada, pois a partir da segurança e da estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude e da ameaça do espaço, e vice-versa e ainda assevera o seguinte; o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor" (TUAN, 1983, p. 43).

Já para Frémont (2011, P. 17) o espaço vivido é:

> [...] em toda a sua espessura e complexidade, aparece assim como o revelador das realidades regionais; estas têm certamente componentes administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, mas também, e mais profundamente, psicológicos. A região não é, pois um objeto com realidade em si, tal como o geógrafo ou qualquer outro especialista não são analistas objetivos de um universo como que exterior ao próprio observador, do mesmo modo que a psicologia dos homens se não poderia reduzir a uma racionalidade dos interesses econômicos ou das adaptações ecológicas.

É nesse espaço urbano "vivenciado ou vivido" que está assentada esta dissertação, uma vez que o mesmo não tem um significado uniforme para estes espaços, sendo consideradas as percepções de cada sujeito pesquisado, conforme suas experiências de vida. Segundo Lencioni (2003), a geografia inspirada na fenomenologia enfoca de forma subjetiva a realidade na qual a intuição constitui um

elemento importante no processo do conhecimento, ainda de acordo com a autora, a corrente fenomenológica na geografia define – se como:

> O espaço vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço. Essa geografia procurou demonstrar que para o estudo geográfico é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço. (LENCIONI, 2003, p. 152).

As representações do espaço se diferem de acordo com a análise, sendo os mapas cartográficos uma análise objetiva do espaço, e os mapas mentais uma análise subjetiva porque leva em conta a percepção que o ser humano elabora sobre esse espaço.

Numa discussão sobre espaço, Merleau-Ponty (2004) critica o pensamento moderno, uma vez que este leva em conta a dicotomia entre espaço físico e mundo físico. Para ele, “o espaço é o meio homogêneo onde as coisas estão distribuídas segundo três dimensões e onde elas conservam sua identidade, a despeito de todas as mudanças de lugar” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 10).

Outro grande autor, o geógrafo Paul Claval (2011, p.375) assevera que a industrialização e a urbanização obrigam a repensar a geografia: o instrumento de análise constituído pela noção de gênero de vida pouco se aplica a sociedades que se tornaram mais complexas.

Se outrora a ciência geográfica ignorava em partes o *humano* e suas subjetividades, atualmente ela é convidada a estudar este ser e também considerar suas percepções do espaço vivido. Ferreira (2016) define o seguinte:

> [...] geógrafos de base fenomenológica ergueram um regresso à experiência em busca de um retorno ao conhecimento originário, da qual, emanaria a própria essência da geografia, isto é, o reencontro de uma geografia que precede a sua própria cientificidade: uma geografia existencial que põe o homem lançado no mundo e, por outro lado, onde o mundo se expõe como horizonte de ação, destino e finalidade.

O espaço possui inúmeras designações, ou seja, são vários os tipos de espaços, sendo um pessoal, outro grupal, sendo assim, propomos estudar o espaço vivido por mulheres idosas que recebem o benefício de prestação continuada – BPC e

que também frequentam o Centro de Convivência do Idoso - CCI, adotaremos aqui o conceito de espaço vivido, descrito por Lencioni, entendemos ser o mais adequado, por ser esse percebido de maneira diferente pelos indivíduos (LENCIONI, 2003, p. 152), por não haver uniformidade no significado do espaço, é que buscamos respostas das idosas pesquisadas e também o quão é significativo o Centro de Convivência do Idoso – CCI, havendo aí, possivelmente uma identidade com o *lugar* ou topofilia. Porém antes, estudaremos o conceito de gênero e a sua posterior inclusão na geografia.

1.2 A construção histórica da categoria gênero e sua inserção na geografia

A categoria gênero surge a partir dos estudos das feministas anglo-saxãs. A ideia era pensar em um termo que abrangesse a discussão das diferenças e desigualdades entre os sexos, sem, contudo, requisitar uma explicação puramente biológica e como categoria de análise, o termo passa a ser utilizado como um modo de explicar essas desigualdades pelo aspecto das construções sociais que homens e mulheres fazem no cotidiano das relações sociais.

Com esse conceito analítico de relações de gênero, as estudiosas propõem que o foco da discussão traga uma mudança de paradigmas, que seja superado a fase em que os estudos enfocavam apenas a exploração e violência contra a mulher e não faziam a articulação com o aspecto relacional, no que se encontram os elementos constitutivos das diferenças e representações hierárquicas e assimétricas entre homens e mulheres.

O que ocorreu com os estudos sobre gênero a partir dessa postura relacional é que eles passaram a dar conta de uma discussão da organização social, tornaram – se mais amplos, na medida em que das experiências concretas de cada pesquisadora e das experiências que pesquisaram, tornaram o objeto da teoria de gênero.

Pierre Bourdieu (2002, p. 17) afirma que a diferença biológica entre os sexos masculino e o feminino e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente

construída entre os gêneros. O que por sua vez já reforça um estereótipo na questão de gênero.

As instituições sociais que reforçam esse imaginário social quanto às desigualdades de gênero são: a família, a escola, a igreja e o Estado. Na família e na escola os processos de socialização desde cedo reforçam na criança comportamentos de gênero identificados aos modelos tradicionais da sociedade. A família ocidental patriarcal, desde cedo, definiu o papel da mulher como cuidadora dos filhos e da casa e apesar de ser questionada, reforça os ensinamentos que fez da autoridade do pai, o princípio básico de dominação do masculino sobre o feminino.

Por ter sido introduzido na geografia a partir da década de 1970, os estudos sobre gênero ainda não tem uma posição de destaque nos estudos na ciência geográfica, em comparação a outras temáticas, de acordo com Ornat (2008, p. 313) as/os geógrafos/as tem colocado na contramão do que é produzido via de regra no Brasil, pois este total ainda é pequeno, frente ao número de geógrafos/as que trabalham com outras temáticas já consagradas na geografia urbana.

Narvaz e Koller (1996) dissertam que a geografia feminista nasce no contexto da segunda onda do movimento feminista, podendo ser periodizado a partir de três ondas:

> A primeira onda representa o movimento feminista, entre o final do século XIX e início do XX, nascendo como movimento de luta das mulheres por igualdade de direitos civis, foi estruturado na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha; a segunda onda ressurge nas décadas de 1960/70, em especial nos Estados Unidos e França; por fim a terceira onda, forjada nos anos de 1980, introduz o paradigma da incerteza no campo do conhecimento, tendo por influência as proposições feitas por Michel Foucault e Jacques Derrida. (NARVAZ E KOLLER, 1996, P. 650)

Conforme citado pelos autores acima, a emergência dos estudos sobre gênero na geografia é algo recente, tem despertado interesse de poucos pesquisadores frente a outras temáticas da geografia urbana e cultural. Ornat (2008) informa que a geografia está em toda parte, por isso as discussões sobre gênero, sexualidade e espacialidade podem ser um interessante caminho para que levantemos nossos olhos de nosso pequeno mundo, para este grande, rico e complexo mundo (ORNAT, 2008, p. 310).

Na ciência geográfica, assim como nas demais, os estudos sob uma visão do androcentrismo, não levavam em consideração a produção espacial feminina. Talvez

pelo fato da geografia privilegiar os aspectos visíveis, o apego aos dados quantitativos e aos arquivos documentais oficiais, sempre com uma visão neutra (SILVA, 2003, p.32).

A ausência de estudos científicos que abordam a mulher enquanto sujeito social foi denunciada por geógrafas feministas, bem como seu esforço em incluir o gênero enquanto categoria de análise da geografia, sendo que para muitas delas, o estudo da mulher foi uma decisão política e uma estratégia de tornar seu trabalho visível no corpo da pesquisa geográfica (SILVA, 2003, p. 34).

Discorrendo ainda sobre a inserção do gênero da geografia, Joseli Maria Silva (2003, p.33) define:

> Uma abordagem da perspectiva feminina na produção do espaço exige um olhar atento ao cotidiano, ao micro social e aos grupos sociais marginalizados do poder e assim, tais temáticas foram consideradas questões de menor importância na análise do espaço geográfico.

As inquietações da autora citada acima não param por aí, uma vez que a invisibilidade feminina se dá em todos os espaços, como exemplo, cita o espaço urbano que fora planejado numa ótica masculina, havendo pouca ou nenhuma participação feminina no planejamento do mesmo, o que por sua vez, acentua a divisão entre os sexos.

Já para o sociólogo Pierre Bourdieu (2002, p.19)

> Dado o fato de que é o princípio da visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob formas de divisões objetivas, e na subjetividade, sob formas de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas.

Atualmente, esse modelo patriarcal foi deslocado em razão das mudanças sociais que ocorreram tanto no âmbito das relações de poder, colocando em xeque o poder patriarcal, quanto por causa das exigências das relações de produção que impuseram à mulher tarefas no espaço público. Antes dessas transformações, no entanto, a escola, a família, o Estado e a igreja tiveram papel decisivo na construção das desigualdades de gênero.

A escola estabeleceu uma série de restrições, desde as de classe, cor, geração até as de gênero. Durante décadas, havia escolas para meninos e escolas para meninas, ainda que algumas gerações tenham ajudado a superar esse confinamento do gênero no processo de aprendizagem escolar, ainda hoje, percebemos nos ambientes escolares que se reproduzem dentro e fora da sala de aula os “lugares do gênero”, muitas vezes, reforçados pelos conteúdos ensinados ali.

Família e escola se complementam como instituições que reforçam as desigualdades e diferenças de gênero. Na primeira, somos esperados com uma lógica cultural predominante que define desde qual será a cor das roupas a ser compradas para esperar o filho homem e/ou a filha mulher até os ensinamentos diários permissíveis do que pode ser ensinado a cada um. Na segunda, a escola, o reforço do que é ser masculino e/ou feminino com base na condição biológica, porém, ensinada conforme os valores sociais é, também, reforçado a partir dos critérios de exposição do convívio social. Se na família há sanções para o desrespeito ao que se espera do masculino e do feminino, enquanto construções históricas de uma sociedade, na escola tais comportamentos são esperados e vigiados pelo convívio social e sanções mais publicizadas.

O conceito de família é definido por Beauvoir (1980, p. 295) como:

> Família não é uma comunidade fechada em si mesma: para além de sua separação ela estabelece comunicações com outras células sociais; o lar não é apenas "um interior" em que se confina o casal; é também a expressão de seu padrão de vida, de sua fortuna, de seu gosto: deve ser exibido aos olhos de outrem.

Portanto, a família não é uma célula isolada que reproduz apenas seus próprios conceitos, e sim, é influenciada por inúmeras células sociais, o que por sua vez, influencia muito no comportamento social familiar.

Sob influência cultural, a família tende a agir de acordo com as convenções sociais impostas, como é o caso das famílias brasileiras, em sua maioria, reproduzindo um desigual nível de tratamento entre as relações homem e mulher, bem como, as demais sociedades latino americanas apresentam acentuados níveis de desigualdade

social entre os sexos, homens e mulheres são tratados de maneiras distintas, tanto no universo doméstico como nas esferas sociais mais amplas (SILVA, 2003, p. 41).

A igreja e o Estado reforçaram a dominação de gênero, a primeira através dos ensinamentos bíblicos que definiram as regras de casamento monogâmico, as punições para o adultério, para a prostituição e o confinamento da mulher ao espaço doméstico. E, principalmente vai cobrir o corpo da mulher como sinônimo de pudor a quem compete uma tarefa divinizada que é a maternidade e a consequente reprodução da espécie.

O Estado, por sua vez, como instrumento capaz de manter a ordem da sociedade moderna, também tira vantagens desses ensinamentos sobre comportamento masculinos e femininos na sociedade, uma vez que essas práticas do masculino e do feminino reforçam, no universo micro, as relações de dominação postas pela sociedade política, fundamentada, muitas vezes, no pensamento médico que reforçava a dominação da mulher, favorecendo assim, sua exploração. A dominação masculina é expressa por Bourdieu (2002, p. 51) como:

> A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus.*

Foi sobre a mulher que se cristalizou o modo de dominação em favor do projeto de civilização que tem como base a exploração, é também sobre ela que recaem todos os preconceitos e desigualdades criados nas relações assimétricas de gênero.

1.3 O envelhecimento da população brasileira

Os primeiros resultados do último censo revelaram que a população total do país já é de 190.755.799 (IBGE, 2010). Desse total, quase 20 milhões de pessoas são idosas com idade de 60 anos ou mais (11% da população brasileira) e, de acordo com dados desse instituto, a população vem aumentando no país.

Ainda de acordo com o IBGE (2010):

> […] a taxa de expectativa de vida no Brasil ainda é menor que a da América Latina e do Caribe (73,9 anos), só ficando à frente da Ásia (69,6 anos) e da África (55 anos). Na América do Norte a taxa fica em 79,7 anos. Os níveis mais baixos de fecundidade se encontram na região sudeste, com 1,63 e 1,67 filho por mulher respectivamente. A pesquisa mostra que o aumento da esperança de vida ao nascer e a queda da fecundidade no País tem feito subir o número de idosos, que passou entre 1999 e 2009 de 6,4 milhões para 9,7 milhões.

Nos próximos 40 anos, o total da população brasileira vai crescer a uma média de apenas 0,3% ao ano, enquanto o número de idosos aumentará a uma taxa de 3,2%, ou seja, será quase 11 vezes maior. O estudo mostra igualmente que a população brasileira está envelhecendo a um ritmo mais rápido do que o registrado em países desenvolvidos.

A Organização das Nações Unidas (ONU) consagrou o ano de 1999 como ano internacional do idoso[1], sua preocupação é a de assegurar prioridade na atenção às pessoas idosas, considerando os pontos básicos; autorrealização, dignidade, independência, cuidados e participação (VILLANUEVA RAMOS, 2013, p. 128).

O fenômeno do crescimento da população idosa, em números absolutos e relativos, é mundial e está ocorrendo numa velocidade como nunca se viu anteriormente.

O relatório afirma ainda que as nações desenvolvidas ficaram ricas e depois envelheceram, mas o Brasil e outros países emergentes estão ficando velhos antes de enriquecer. Enquanto a França levou mais de um século para duplicar a sua população acima de 65 anos, o Brasil passará pelo mesmo processo em duas décadas.

De acordo com Andrews (2000), as projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1,9 milhão de pessoas, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade. Ainda destaca outros pontos para explicar esse fenômeno que conforme Andrews (2000, p. 248) são:

- Desde 1950, a esperança de vida ao nascer em todo o mundo aumentou 19 anos;

---

[1] É de grande importância discutir políticas públicas para a população idosa, uma vez que há um crescimento dessa parcela populacional, daí o interesse da ONU em inserir na sua pauta tal discussão.

- Hoje em dia, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais; para 2050, estima – se que a relação será de um para cinco para o mundo em seu conjunto, e de um para três, no mundo desenvolvido;
- Segundo as projeções, o número de centenários – de 100 anos de idade ou mais – aumentará 15 vezes, de aproximadamente milhão de pessoas em 1999 para 2,2 milhões em 2050, e
- Entre 1999 e 2050, o coeficiente entre a população ativa e inativa – isto é , o número de pessoas entre 15 e 64 anos de idade por cada pessoa de 65 anos ou mais – diminuirá em menos da metade nas regiões desenvolvidas, e em uma fração ainda menor nas menos desenvolvidas.

Nesse cenário, as mulheres são maioria, representando cerca de 55,8% das pessoas com mais de 60 anos (IBGE, 2010). Outro dado importante: a maioria dos idosos é responsável pelos domicílios e tem, em média, 69 anos de idade e 3,4 anos de estudo. Com o nível de escolaridade baixa, principalmente entre as mulheres, há uma variação de acordo com a região, que apresenta o mínimo de 1,5 ano (Região Norte) a 7,2 anos (Região Sul). A taxa de analfabetismo, de acordo com dados do IBGE (2010), ainda é alta: 5,1 milhões de idosos analfabetos.

Considerando o processo de colonização no Brasil, é importante considerar que os valores de outras sociedades foram impostos, o que determinou, em certo modo, o modelo de desenvolvimento social e, consequentemente, as formas pelas quais são construídas as representações sociais. Nesse contexto, a velhice sempre foi relegada, seguindo a perspectiva das sociedades capitalistas colonizadoras (PAPALÉO NETTO 2002).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é formada por um preâmbulo e 30 artigos que enumeram os direitos humanos e liberdades fundamentais que são titulares todos os homens e mulheres, de todo o mundo, sem qualquer discriminação. No conjunto desses artigos, “[…] encontra-se o repúdio a toda e qualquer forma de exploração, desigualdade e discriminação, seja de sexo, *de idade*, de raça, de nacionalidade, de religião, de opinião pública, de origem social etc.” (ALMEIDA, 2005). [grifo nosso].

A mudança de paradigmas nos processos produtivos, a intensificação do uso da tecnologia avançada, entre outros fatores que caracterizam esse processo de mundialização, tem causado a exclusão de grande parcela da população, expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Esse processo de amplas proporções envolve nações, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais e culturas. Assinala e emergência da sociedade global, como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória. Essa realidade é ainda pouco conhecida, por isso desafia práticas e ideias, situações consolidadas e interpretações sedimentadas.

Esse processo além de desumano, irreversível, tem gerado um aumento da desigualdade social em todos os países, conforme Bauman (2005, p. 54);

> As causas da exclusão podem ser diferentes, mas, para aqueles situados na ponta receptora, os resultados parecem ser quase os mesmos. Confrontados pela intimidante tarefa de ganhar os meios para a sobrevivência biológica, enquanto se veem privados de autoconfiança e da autoestima necessárias para a sustentação da sobrevivência social, eles não têm motivo para contemplar e saborear as distinções sutis entre o sofrimento planejado e a miséria.

Segundo Papaléo Netto (2002), foi a partir de 1970 que a questão da velhice ganhou visibilidade no Brasil. Desde então, o envelhecimento populacional, sempre crescente que terá uma maioria idosa (IBGE, 2010), impulsionou a criação de medidas de proteção, assim como o desenvolvimento de estudos, em busca de conhecimento sobre a velhice. Efetivar e universalizar o direito da pessoa idosa, bem como sua inclusão social, por meio da descentralização das ações resultantes da intersetorialidade, respeitando a dignidade do cidadão, sua autonomia e seus talentos, favorecendo o acesso à informação aos benefícios e aos serviços de qualidade, bem como a convivência familiar e comunitária é um grande desafio na contemporaneidade.

De acordo com o último censo do IBGE (2010), a população idosa em Porto Velho era de 24.153 pessoas, sendo que o conceito de pessoa idosa adotado no Brasil aplica – se para os indivíduos que tem idade igual ou superior a 60 anos. Esse contingente de pessoas idosas representa algo em torno de 5,6% da população geral, bastante abaixo da média nacional de 8,6 %.

Do quantitativo de idosos apresentados no censo do IBGE do ano de 2010 são 11.725 mulheres idosas com 60 anos ou mais e aproximadamente 3.700 assistidas pelo benefício de prestação continuada - BPC no município de Porto Velho (MDS, 2018).

Considerando diversas barreiras impostas aos idosos, tais como; dificuldade de locomoção, distância do referido centro e outros afazeres, é que o Centro de Convivência do Idoso – CCI, embora seja uma unidade pública, atende um contingente limitado de pessoas idosas.

Diante de tal demanda, torna-se fundamental saber como vive essa significativa parcela da população que é atendida com os mínimos sociais dessa política.

Também se torna importante compreender o quão relevante são os impactos causados por essa política pública na sua qualidade de vida das idosas consultadas, e se esse benefício traz autonomia ao já citado público. Sendo esses os objetivos do presente estudo.

De acordo com Jordão Netto (1997), a velhice tende a assumir cada vez mais um significado de proporções gigantescas, tanto em termos demográficos quanto em sociais, implicando os seres humanos, em todos os aspectos. Contudo, verificamos que assim como o restante do país, não estamos preparados para atender com dignidade essa parcela da população, o que demanda novas políticas públicas e aprimorar as já existentes.

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde – OMS

> [...] mais da metade da população mundial está vivendo em cidades.
> O número de megacidades, isto é, cidades com 10 milhões de habitantes ou mais, aumentou dez vezes, passando de 2 para 20, ao longo do século XX, e respondiam por 9% da população urbana do mundo. O número e a proporção da população urbana continuarão a aumentar nas próximas décadas, especialmente em cidades com menos de cinco milhões de habitantes.
> Mais uma vez, esse crescimento está se dando muito mais rapidamente em países em desenvolvimento. Em 2030, cerca de três em cada cinco pessoas no mundo habitarão em cidades e o número da população urbana nas regiões menos desenvolvidas será quase quatro vezes maior que nas regiões mais desenvolvidas (OMS, 2015, p. 3).

Conforme apontado pela citação acima, a partir do século XX, houve um aumento expressivo da população urbana, no caso do nosso País, esse crescimento

populacional se deu pelo crescente êxodo rural, especialmente em meados no século passado, quando inúmeros trabalhadores migraram para as cidades em busca de melhores condições de vida, atraídos pelas indústrias recém-instaladas por aqui. Estes trabalhadores agora migrantes para as cidades, em grande parte, trabalhavam em propriedades alheias, ora no sistema de comodato ou simplesmente em troca de comida e abrigo, assemelhando ao período feudal.

Num primeiro momento, boa parte desses migrantes fora contratada, pois naquele momento a indústria em especial, necessitava de larga mão de obra para operação do maquinário ou outras atividades do chão da fábrica.

A partir dos anos de 1970, com a reestruturação produtiva aqui implantada, já não havia espaço para esses trabalhadores, que em sua maioria trabalhava na parte operacional. Sob a lógica da *acumulação flexível*[2], o setor fabril, bem como outros se modernizam, substitui a mão de obra humana pela automação. O trabalho não deixará de existir, mas está sofrendo transformações profundas. Antunes assim resume esse período:

> Essas consequências no interior do mundo do trabalho evidenciam que, sob o capitalismo, não se constata o fim do trabalho como medida de valor, mas uma mudança qualitativa, dada, por um lado, pelo peso crescente da sua dimensão mais qualificada, do trabalho multifuncional, do operário apto a operar máquinas informatizadas, da objetivação de atividades cerebrais [...] (ANTUNES, 1999, p. 233).

A população que ora migrara em busca de melhores oportunidades, uma vez que estas não foram encontradas na zona rural, agora se depara com um problema cada vez mais crescente nas cidades; o desemprego.

Gueiros e Oliveira (2005, p. 119) asseveram que;

> A perversidade dessa dinâmica na qual os sujeitos não têm acesso a trabalho e tampouco a políticas públicas que lhes assegurem os mínimos de cidadania, redunda, muitas vezes, na negligência/abandono de idosos, pois os próprios cuidadores (filhos e filhas) também estão negligenciados e abandonados pelos organismos sociais.

---

[2] Sob a lógica de que o Estado não deve intervir na economia, este modelo flexibiliza as relações trabalhistas, reduz postos de trabalho, tornando o trabalhador polivalente. Em suma: mais lucros para os donos dos meios de produção, sem contudo, pagar salários maiores aos seus empregados.

O objetivo deste trabalho, não é discutir a relação capital/trabalho, mesmo entendendo a grande relevância de tal discussão, o nosso objeto de estudo não poderá ser entendido, sem antes fazermos uma pequena análise da situação da referida população idosa de Porto Velho, esta é considerada uma cidade de médio porte, portanto as mazelas sociais ganham uma visibilidade maior se comparadas as cidades menores.

Embora não haja grandes parques industriais aqui em Porto Velho, a realidade na qual está submetida à população de forma geral, e em especial as idosas residentes aqui, não é diferente porque as mesmas já se encontram numa situação de exclusão social por não fazerem mais parte da parcela de trabalhadoras formais, ou seja, aquelas que tiveram registros em suas carteiras de trabalho e previdência social – CTPS.

Em consonância com Jesus e Nascimento Silva (2018) [...] é de fundamental importância estudar as relações sociais que se estabelece nesses espaços, esta se apresenta multifacetada, como estamos tratando de envelhecimento humano, a realidade manifesta – se de uma forma, mais cruel para as idosas. (JESUS; NASCIMENTO SILVA, 2018, p. 85).

O envelhecimento humano é uma realidade em quase todo o planeta. Mas esta velhice está ameaçada, pelo fato de viver mais. Como ressalta Sálvea de O. Campelo e Paiva (2014, p. 129)

> Nunca se trabalhou tanto! Nessa trama, as velhas e os velhos trabalhadores (as) quase invisíveis, do ponto de vista do foco do Estado, não fosse a atual magnitude do impacto do envelhecimento senil na agenda das políticas públicas, sobrevivem e são provedores (as) de suas famílias à custa dos direitos trabalhistas por eles (as) mesmos (as) conquistados, cuja longevidade lhes permite ver agora [sendo] desregulamentados.

Na melhor das hipóteses, os idosos receberão suas aposentadorias, como informou a autora citada acima, mas grande parte não contribuiu para a previdência social, ou seja, atuaram na informalidade e por isso, sequer terão direito a uma pequena aposentadoria. É para essa parcela populacional excluída da política da previdência social que existe o benefício de prestação continuada – BPC, no qual propusemos estudar seus impactos na vida das mulheres idosas.

Haddad (2016, p. 61) diz que as propostas para a melhoria das condições de vida dos velhos, enquanto integrantes da ideologia da velhice, amparam-se na ideia de que, sendo crescente o aumento de idosos, é preciso lutar no sentido de beneficiar essa parcela populacional.

Outra questão intrigante, já apontada por Beauvoir (1990) é o problema da habitação das pessoas idosas que se coloca de maneira aguda a partir da desintegração da célula familiar, da urbanização da sociedade e dos miseráveis recursos dos velhos. O que pode ser verificado pela grande quantidade de idosos residindo sozinhos, quando esses são a principal fonte de sustento para seus filhos e netos, caracterizando assim, em alguns casos a exploração financeira dos idosos.

Nascimento Silva (2012) assevera que a noção de *empoderamento* refere-se às mudanças ou, pelo menos, melhoria das condições sociais de existência de mulheres com poucos recursos sociais e políticos. Conforme a citação acima, verificamos que as mulheres são as principais vítimas do processo de exclusão social, o que na maioria das vezes as deixam mais vulneráveis, especialmente na velhice.

CAPÍTULO II

CAMINHOS DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O conhecimento do conhecimento compromete a tomar uma atitude de permanente vigilância contra a tentação da certeza, a reconhecer que nossas certezas não são provas da verdade, como se o mundo que cada um de nós vê fosse o mundo, e não um mundo, que produzimos com outros.

(MATURANA e VARELA)

2.1 O ponto de partida; *locus* da pesquisa – Centro de Convivência do Idoso - CCI

Figura 02: Fachada principal do CCI. Porto Velho/RO. (JESUS, 2018).

A pesquisa foi realizada no Centro de Convivência do Idoso – CCI, localizado na Avenida Amazonas nº 6888 bairro Tiradentes, na zona leste da cidade de Porto Velho, Estado de Rondônia. Foi inaugurado no dia 29 de março de 2012, como parte da rede sócio assistencial, vinculada à Secretaria Municipal de Assistência Social e Família – SEMASF, para ampliação do atendimento a população idosa. Atende os idosos residentes em toda a cidade, principalmente os da zona leste e zona sul de Porto Velho.

Considerando as inúmeras diferenças sociais que há no mesmo espaço, neste sentido, observou as diferenças da população que frequenta o referido centro, sendo boa parte dela de baixo poder aquisitivo.

Como parte integrante da proteção social básica, inserida na política da assistência social e de acordo com seu plano de ação (2016), o Centro de Convivência do Idoso – CCI atende aproximadamente 1.000 pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com frequência diária de 150 idosos, desenvolvendo diversas ações em parceria com outros órgãos, seja da iniciativa pública ou privada, sempre primando pelo fortalecimento do protagonismo social e familiar da pessoa idosa.

Dentro da política de assistência social, o Centro de Convivência do Idoso desenvolve várias ações podendo ser ressaltadas algumas delas, conforme consta no plano de ação (2018) do referido centro:

- Promoção e defesa dos direitos humanos da pessoa idosa;
- Valorização, autonomia, integração e participação no universo da família, e sociedade;
- Prevenção e enfrentamento à violência contra a pessoa idosa;
- Divulgação, potencialização e fortalecimento da rede de proteção ao idoso em conformidade com o Estatuto do Idoso – Lei federal de nº 10.741/03;
- Articulação e integração dos serviços nas áreas de saúde, assistência social, educação, cultura, esporte e lazer;
- Desenvolvimento de atividades terapêuticas nos Centros de Convivência;
- Desenvolvimento de parcerias institucionais;
- Realização de atividades culturais e socioeducativas

Sobre a política de assistência social, esta compõe o tripé da seguridade social, bem como a saúde e previdência social, conforme disposto no artigo de nº 194 da carta magna de 1988.

> "Art. 194. A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social. Parágrafo único. Compete ao Poder Público, nos termos da lei, organizar a seguridade social, com base nos seguintes objetivos: I – universalidade da cobertura e do atendimento; II – uniformidade e equivalência dos benefícios e serviços às populações urbanas e rurais; III – seletividade e distributividade na prestação dos benefícios e serviços; IV – irredutibilidade do valor dos benefícios; V – equidade na forma de participação no custeio; VI – diversidade da base de financiamento; VII – caráter democrático e descentralizado da administração, mediante gestão quadripartite, com participação dos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo nos órgãos colegiados." (CRFB, 1988).

A seguridade social, conforme citada acima, possui duas vertentes; uma contributiva na qual exige uma contrapartida dos rendimentos dos trabalhadores assalariados para eventuais coberturas, e outra não contributiva, a saber; saúde e assistência social. Sobre o direito à assistência social vejamos o seguinte.

> "Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos: I – a proteção à família, á maternidade, à infância, à adolescência e à velhice; II – o amparo às crianças e adolescentes carentes; III – a promoção da integração ao mercado de trabalho; IV – a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária; V – a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei." (CRFB, 1988)

A assistência social como política pública, é uma novidade trazida pela constituição cidadã, pois nunca fora tratada como política e sim como caridade. A prática da assistência ao outro é antiga na humanidade, nas mais diversas sociedades, a solidariedade dirigida aos mais necessitados, aos viajantes, viúvas, órfãos, doentes, idosos e aos incapazes sempre esteve presente. Esta ajuda pautava-se na compreensão de que na humanidade sempre existirão os mais frágeis, que serão eternos dependentes e precisam de ajuda e apoio.

Afirma Sposati (2004, p.42), que a Assistência Social, garantida na CF/88 contesta o conceito de "(...) população beneficiária como marginal ou carente, o que seria vitimá-la, pois suas necessidades advêm da estrutura social e não do caráter pessoal" tendo, portanto, como público alvo os segmentos em situação de risco social e vulnerabilidade, não sendo destinada somente à população pobre.

Enquanto a saúde e a previdência social já haviam sido regulamentadas, a assistência social ainda não havia sido regulamentada, embora já inserida na constituição federal, a regulamentação da referida política ocorreu em 07 de dezembro do ano de 1993, quando o então presidente Itamar Franco sancionou a lei federal de nº 8.742, após intensa movimentação e articulação de diversos atores sociais é então regulamentada a assistência social, adquirindo, portanto, o caráter de política pública.

Quanto a uma política de atenção a pessoa idosa, o País dispunha de poucas, mesmo assim de forma pulverizadas, restritas a grandes centros urbanos. Foi em resposta aos anseios dos idosos brasileiros, que o então presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, em 1º de outubro de 2003, sanciona a Lei nº 10.741, o "Estatuto do Idoso" (BRASIL, 2003), que entrou em vigor em 1º de janeiro de 2004, com a finalidade de garantir direitos e estipular deveres, objetivando melhorar a vida dos brasileiros com mais de 60 anos.

2.2 Os sujeitos da pesquisa e a busca do método

A pesquisa em tela fora realizada no Centro de Convivência do Idoso – CCI, conforme já indicado acima, tendo como objetivo analisar impactos positivos na qualidade de vida de idosas assistidas pelo Benefício de Prestação Continuada – BPC – na área urbana da sede do município de Porto Velho.

Vale ressaltar que não se dispõe de pesquisas sobre envelhecimento na geografia no Estado de Rondônia, em especial quando se trata de gênero, com exceção de uma realizada por Sheila Ximenes de Souza, no ano de 2011, neste mesmo programa de pós-graduação em Geografia. Sobre o assunto, Souza (2009, p. 18) ainda afirma que:

> [...] trabalhos acadêmicos realizados sobre gênero e envelhecimento, no Estado de Rondônia, são inexistentes, o que torna nossa região carente de dados científicos relacionados a esse eixo temático de estudo. Em linhas gerais, encontramos apenas o desenvolvimento de pesquisas direcionadas ao campo das questões demográficas, previdência social, aspectos socioeconômicos e no campo da saúde.

Realizamos a presente pesquisa com mulheres cuja idade é igual ou superior a 65 anos, requisito mínimo[3] para concessão do Benefício de Prestação Continuada – BPC, conforme dispõe a legislação em vigor.

Para a coleta de dados, convidamos as mulheres idosas que recebem o BPC e que frequentam com regularidade o Centro de Convivência do Idoso – CCI para participarem da pesquisa, as quais foram devidamente orientadas sobre os procedimentos, em especial a ética na pesquisa, em concordância, as mesmas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, apenas 03 (três) delas se dispuseram a participar da referida pesquisa.

Sobre a questão da ética na pesquisa em geografia, Nascimento Silva (2004) assevera que, as questões de ordem éticas e morais devem ser respeitadas para que a pesquisa possa ser fidedigna e possamos conquistar a confiança dos sujeitos do estudo e sermos eficientes, portanto é fundamental a confiança por parte das pesquisadas.

Através dos objetivos propostos, constata-se que o presente estudo apresenta características de uma pesquisa qualitativa, uma vez que busca conhecer os impactos do BPC na qualidade de vida de beneficiárias idosas.

Sobre a pesquisa qualitativa Minayo (1994, p. 21-22) afirma que:

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

---

[3] Conforme dispõe a lei federal de nº 8742/93, o benefício de prestação continuada possui como requisitos para sua concessão; ser idoso acima de 65 anos de idade e não poder prover o seu próprio sustento ou te lo provido por familiares. E também para pessoas com alguma deficiência que impeça – os de exercer atividade laboral, ambos com requisitos de renda per capita de ¼ de salário mínimo.

A pesquisa qualitativa ganha espaço a partir dos anos de 1970, também caracterizada como pesquisa interpretativa, baseada em métodos associados às ciências sociais, assim, a pesquisa qualitativa, ao buscar a compreensão detalhada dos significados e características situacionais do problema ou objeto investigado, permite o aprofundamento e complexificação do fenômeno investigado (LIMA; SANTOS, 2015).

O qualitativo de uma pesquisa informa que se está buscando trabalhar com qualidade dos dados à espera de análise, a qualidade pode ser compreendida de vários modos (BICUDO, 2011, p. 14).

Por trabalhar com a qualidade, o modo de proceder vem ao encontro de discursos que criticam o cartesianismo e o positivismo, no que tem de determinante, categórico, objetivo e mensurável e é consonante com discursos que promulgam a inseparabilidade entre sujeito e objeto, impossibilitando de ter apenas um modo de ver o estudado (BICUDO, 2011, p. 20).

Outra definição para a pesquisa qualitativa é que permite compreender as características do fenômeno investigado e que se assim procederem oportunizam a abertura de possibilidades de compreensões possíveis quando a interrogação do fenômeno é dirigida a contextos diferentes daqueles em que a investigação foi efetuada.

Para Paulilo (1999), a pesquisa qualitativa é conhecida por:

> [...] trabalhar com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna (PAULILO, 1999, p. 135).

Seria impossível numa pesquisa quantitativa captar as dimensões subjetivas da vida humana, razão pela qual optamos em trabalhar com a qualitativa. A investigação qualitativa apresenta características particulares. Seu universo de ação está longe de ser captado por hipóteses perceptíveis, verificáveis e quantificáveis (LIMA; SANTOS, 2015).

Como estamos em busca de respostas sobre os impactos positivos do BPC na vida das mulheres idosas e também do espaço vivido por estas, optamos pela pesquisa

qualitativa em detrimento da quantitativa, pelo fato de permitir o conhecimento mais profundo do fenômeno investigado (LIMA; SANTOS, 2015).

Já em relação ao método, Antônio Carlos Gil (1999, p. 07) define método como caminho para se chegar a determinado fim, e método científico como um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento. O autor ainda afirma o seguinte:

> A ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Neste sentido, não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade. Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação, ou em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento (GIL, 1999, p. 07).

Entendemos que a adoção de um ou outro método depende de muitos fatores, tais como; da natureza do objeto que se pretende pesquisar, dos recursos materiais disponíveis, do nível de abrangência do estudo e, sobretudo da inspiração filosófica do pesquisador (GIL, 1999, p. 09).

Uma vez que o método foi escolhido pelo pesquisador é que a investigação ganhará forma e abrangência (ALVES, 2017, p. 49). Por esta razão optamos pelo método fenomenológico por considerarmos o mais adequado neste contexto, haja vista que buscamos analisar os impactos positivos do BPC na vida das idosas, por possibilitar respostas subjetivas e também, por ser este usado por geógrafos que trabalharam no entendimento da construção do conceito de espaço geográfico e lugar (FERREIRA, 2014 p. 38).

Maria Aparecida Viggiani Bicudo (2011, p. 30) afirma que:

> O fenômeno é o que se mostra em um ato de intuição ou percepção, a fenomenologia está dizendo que não se trata de um objeto objetivamente posto e dado no mundo exterior ao sujeito e que pode ser observado, manipulado, experimentado, medido, contado por um sujeito observador. Não se trata, portanto, de tomar sujeito e objeto como geneticamente separados no desenrolar do processo de conhecer.

No método fenomenológico, em vez da objetividade, dá-se lugar à subjetividade, à interpretação. Essa perspectiva leva a uma apreensão particular do

fenômeno, uma vez que o pesquisador passa a dar maior atenção ao informante e à sua realidade, como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 2): “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”.

Ainda conforme Merleau-Ponty (1994, p. 18):

> O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na *intersecção de minhas experiências com aquelas do outro*, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. [grifo nosso]

A fenomenologia passa a inspirar a Geografia através da abordagem subjetiva da realidade ao considerar que a intuição constitui um elemento importante no processo de conhecimento (LENCIONI, 2003).

Segundo Lencioni (2003, p. 150-151) a consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental. Portanto a experiência vivida constrói a consciência, sendo que pelo mundo vivido, a fenomenologia coloca o indivíduo em contato com o mundo de objetos exteriores por via da percepção.

Alves (2017, p. 53) fala sobre a importância da corrente fenomenológica na geografia:

> De acordo com a abordagem fenomenológica do espaço, tão importante quanto o estudo das características espaciais é o estudo das representações que os seres humanos fazem a respeito deste e neste contexto torna-se muito importante para a análise e compreensão das representações espaciais conhecer a história de vida e a forma como pensam as pessoas, pois a forma como percebemos e representamos o espaço recebe forte influência das experiências que vivemos neste espaço.

Para atingirmos os objetivos propostos, utilizamos como técnica, a entrevista que na concepção de Gil (1999, p. 111) é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais. Daí porque podem ser definidos diferentes tipos de entrevista, em função de seu nível de estruturação.

Entendemos que nesse contexto, a entrevista semiestruturada seria a mais adequada pelo fato da mesma permitir uma maior aproximação com o público entrevistado, Gil (1999, p. 120) explica que “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”.

O uso da entrevista como técnica é que a mesma apresenta vantagens, como: possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado; oferece maior flexibilidade, pois o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista; possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas (GIL, 1999, p. 112).

Por apresentar diversas vantagens, sobretudo quando se trabalha com determinados tipos de públicos que apresentariam maior dificuldade para responder questões utilizando-se outras técnicas, como o questionário por exemplo. A entrevista pode ser utilizada independente do grau de instrução dos atores (alfabetizados ou analfabetos), possibilitando um maior entendimento para o público participante específico da pesquisa, ao passo que o entrevistador pode esclarecer dúvidas a respeito das questões diante de dificuldades percebidas. Razão pela qual optamos pela utilização da entrevista como parte da metodologia.

Os conceitos de espaço social e espaço geográfico são elaborados a partir da compreensão dos elementos presentes na realidade estudada. Nesse entendimento, o que os diferencia é a forma como as relações sociais se constroem em cada espacialidade (FERREIRA, 2014, p. 38).

2.3 A história oral como forma de interpretar a percepção dos sujeitos pesquisados

Para interpretação da percepção dos sujeitos pesquisados, neste caso as idosas que recebem o Benefício de Prestação Continuada – BPC, adotamos a história oral, pois a fonte oral sugere mais afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sútil e rigorosa (BOSI, 2004, p. 20).

A moderna história oral surge em 1948, em Nova York, na Universidade de Columbia, é bem conhecida como uma metodologia de pesquisa, em especial na realização de entrevistas gravadas. Começa a ser usada em 1950, quando houve a invenção do gravador nos Estados Unidos da América, México e também no continente europeu.

Ganhou inúmeros adeptos, principalmente dentre as seguintes categorias profissionais; sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, psicólogos, teóricos da literatura, dentre outros.

De início a História Oral combinou três funções complementares: registrar relatos, divulgar experiências relevantes e estabelecer vínculos com o imediato urbano, promovendo assim um incentivo à história local e imediata (MEIHY, 2002, p. 22).

No âmbito da pesquisa, a história oral possui quatro conceitos;

> Conceito número 1: História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita por meio do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processo sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato; Conceito número 2: A formulação de documentos mediante registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral que, contudo, podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural; Conceito número 3: História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência da fita com o texto; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas; Conceito número 4: História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos. (MEIHY, 2002, p. 14).

No Brasil, a história oral ganha espaço com a criação Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), cuja criação se deu em 25 de junho de 1973, que buscava através dos relatos orais “pensar e entender melhor o Brasil daquele período” (CAMARGO, 1999, p. 170).

De acordo com Souza (2009, p. 21-22), a demora na utilização da história oral por aqui, se deu por:

> No Brasil, a História Oral demorou mais a se desenvolver devido a dois fatores fundamentais: a falta de empenho das instituições não acadêmicas em elaborar projetos de tradições populares, com registros das histórias locais, e pela falta de um elo de ligação da Universidade com a cultura popular.

Passou a ser valorizada como método de pesquisa, em especial a pesquisa de campo, na medida em que pesquisadores constataram que percepções, sentimentos, emoções, valores e visões de mundo não “apareciam” nos dados estatísticos. (CHIAPETTI, 2010). Por esse motivo, muitos pesquisadores adotaram a história oral com estratégia válida em busca de informações orais em campo. Chiapetti (2010) ainda assevera o seguinte:

> [...] a história oral ganhou importância como método válido para a obtenção de informações em campo, na medida em que os conteúdos das falas obtidas dos sujeitos da pesquisa extrapolaram os sentidos e os significados que pretendiam expressar conscientemente. Por sua vez, é importante registrar que o pesquisador, com discernimento, deve extrair do material empírico tudo que foi falado pelos sujeitos e, ainda, deve analisar suas respostas, de maneira que não distorça o que disseram ou queriam dizer.

Na ciência geográfica, Caldas (2011) nos convida e pensar o seguinte:

> Se um dos exercícios essenciais do conhecimento que se diz geográfico é pensar o espaço, é preciso entender que esse espaço é, antes de tudo, “coisa humana”, produção duplamente humana e que esse pensar só pode advir de relações vivas, fluxos básicos, atividades de “presença” (produções, vivências, sociabilidades) [...] o espaço pode advir do conhecimento com esses devires, isto é, a atividade humana social, grupal, individual, gestando existência, ordem e estrutura.

Razão pela qual, é de fundamental importância é entender o espaço como produção humana, pois é nesse espaço que o ser humano mantem suas relações sociais, onde também pode ter significados, simbolismos e outros.

Thompson (1992) esclarece que

> A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 1992, p.22).

O mesmo autor ainda explica que o cotidiano dos indivíduos propicia nova perspectiva histórica quando utilizados pela história oral:

> No sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão. A história oral oferece, quanto a sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance. A maioria esmagadora das autobiografias publicadas são de um grupo restrito de líderes políticos, sociais e intelectuais e, mesmo quando o historiador tem a grande sorte de encontrar uma autobiografia exatamente do local, época e grupo social de que esteja precisando, pode muito bem acontecer que ela dê pouca ou nenhuma atenção ao tema objeto de seu interesse. Em contraposição, os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito de que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados. A fronteira do mundo acadêmico já não são mais os volumes tão manuseados do velho catálogo bibliográfico. Os historiadores orais podem pensar agora como se eles próprios fossem editores: imaginar qual a evidência de que precisam, ir procurá-la e obtê-la. (THOMPSON, 1992, p.25).

Em sua obra, Memória e sociedade: lembrança de velhos, Bosi (2004), diz que a história oficial que estudamos em toda nossa vida escolar, não aborda o passado recente, pelo contrário, afasta como se fosse de menor importância as nuances, os detalhes, os comportamentos, o cotidiano das pessoas. Confirmando a ideia de que a memória dos velhos pode ser trabalhada como uma fonte mediadora entre a nossa geração e as testemunhas do passado (SOUZA, 2009. p. 26).

É de fundamental importância o pesquisador analisar as lembranças e os esquecimentos quando se estuda a população idosa, pois a memória oral tem seus desvios, suas inautenticidades:

> Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época. (BOSI, 2004 p.15)

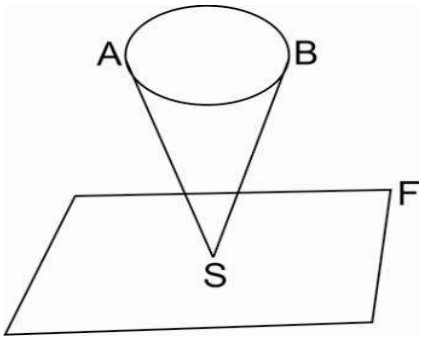
Para a autora citada acima, pela memória o passado não só vem à tona das águas presentes, mas também misturando com as percepções imediatas, empurrando e descolando estas últimas e ocupando todo o espaço da consciência. (Bosi, 2004, p. 36).

Éclea Bosi cita o psicólogo Henri Bérgson, onde o mesmo observou que a imagem presente se manifesta, na maioria das vezes, por movimentos relacionados com ações e reações do corpo com o meio em que está inserido o indivíduo (SOUZA, 2009, p. 34).

No método introspectivo de Bérgson há a sugestão da conservação dos estados psíquicos já vividos, e mais:

> Conservação que nos permite escolher entre as alternativas que um novo estímulo pode oferecer. A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez/; a percepção concreta precisa valer – se do passado que de algum modo se compõe da totalidade da nossa experiência (BOSI, 2004, p. 36 – 37).

Para exemplificar melhor, em forma ilustrativa Bérgson imaginou representar a diferença entre o espaço da memória e o espaço da percepção, através de um cone invertido:



A figura do cone é assim comentada por Bérgson:

> Se eu represento por um cone SAB a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base AB, assentada no passado, permanece imóvel, ao passo que o vértice S, que figura em todos os momentos o meu presente, avança sem cessar e sem cessar, também, toca o plano móvel P de minha representação atual do universo. Em S concentra – se a imagem do corpo; e, fazendo parte do plano P, essa imagem limita – se a receber e a devolver as

> ações emanadas de todas as imagens de que se compõem o plano (BOSI, 2004, 37 – 38).

Entende – se que os atos percepção e lembrança, se interpenetram e trocam substâncias, que “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde”. Aparece como um intervalo entre as ações e reações (SOUZA, 2009, p. 36).

A história oral ainda pode ser classificada como uma fonte de pesquisa de campo, como método de investigação científica, ou como uma técnica de produção e tratamento de entrevistas ou depoimentos gravados (ALBERTI, 2004).

Meihy e Holanda (2007, p. 30) definem que é necessário esclarecer os passos da História Oral, que implica estabelecer as etapas principais de seu desenvolvimento, tornando-a metódica, sistemática, portanto, científica:

1- Elaboração do projeto;
2- Gravação;
3- Estabelecimento do documento escrito e sua seriação;
4- Sua eventual análise;
5- Arquivamento; e
6- Devolução social.

Diante de tal informação, observamos que a História Oral é um processo sistemático, planejado, projetado, com objetivos, seguida de etapas que a caracterizam, que perpassa pela pré-entrevista, transcrição, textualização e transcrição, conferência e análise/interpretação das narrativas (SOUZA, 2009. p. 25).

Para chegarmos a um entendimento desse espaço, se faz necessário alguns instrumentais, como a pesquisa de campo. Suertegaray (2002) define como um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e, que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo.

2.4 O trabalho de campo e seus desafios

Quando nos propusemos a estudar esta temática, constava no projeto de pesquisa que o trabalho de campo seria realizado numa unidade do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS[4], localizada no bairro Marcos Freire, zona urbana de Porto Velho, onde faríamos um contato prévio com a população idosa para posterior estudo.

No decorrer do mestrado, observamos que nas unidades dos Cra's não havia uma grande presença e participação da população idosa, haja vista que esta, concentrava – se no Centro de Convivência do Idoso – CCI, por esta razão, entramos em contato com o referido centro para a realização da presente pesquisa.

Desde o primeiro contato, fomos bem recebidos pela equipe de trabalhadores e também pela população ali atendida. Após a apresentação do projeto de pesquisa para a equipe administrativa do centro e cumprimento de todo o trâmite burocrático (aceitação e liberação) é que começamos a ter um contato mais próximo dos sujeitos da pesquisa.

Por estar localizado na zona urbana de Porto Velho, o deslocamento até o Centro de Convivência do Idoso – CCI não foi em nenhum momento, obstáculo para a realização desta pesquisa, demandou apenas, um planejamento prévio, incluindo aí, o contato com a direção e posterior aceitação e liberação para a realização do estudo proposto.

A princípio, as idosas questionaram o porquê de estudar sobre os velhos, já que não tem tanta importância para a sociedade, não trabalham mais, não são belos, pois tudo já "caiu" e as rugas já estão em evidência.

Nesse momento, pudemos observar como é cruel a midiatização da juventude eterna, fazendo com que as pessoas se esqueçam de que o envelhecimento humano é um processo natural e irreversível, demonstrando aí, uma inversão de valores em relação aos orientais, estes veem nas pessoas mais velhas, fonte de sabedoria, maestria e, portanto, alguém que deve se o mais profundo respeito.

---

[4] Unidade pública municipal, responsável por executar serviços e ações socioassistenciais dentro da proteção social básica, prevista na política de assistência social. Localiza se em áreas com maiores índices de vulnerabilidade social.

Sabemos que é através do trabalho de campo que o pesquisador conhece a realidade do seu objeto de estudo, neste caso, a pesquisa torna se participativa porque há a interação do pesquisador com os pesquisados. A esse respeito, recorremos novamente a Suertegaray (2002, p. 3).

> A pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para subsidiar outros processos. Ele alimenta o processo, na medida em que desvenda as contradições, na medida em que as revela e, portanto, cria nova consciência do mundo. Trata-se de um movimento da geografia engajada nos movimentos, sejam eles sociais agrários ou urbanos. Enfim, movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

A advertência de Suertegaray (2002) é que sem pensar, corremos o risco de nos tornar, de sujeitos do processo, objetos do processo. Pelo fato da ciência ter se tornado suporte efetivo do processo produtivo, tendo por consequência, seu interesse cada vez mais privado, caracterizando aí, um grande desafio para a pesquisa na ciência geográfica.

O principal desafio foi lidar com a desconfiança das idosas, em tempos de discussão sobre reforma da previdência, qualquer fala a respeito de benefícios pagos pelo “governo”, gera uma desconfiança. O Estado brasileiro tem assumido uma postura neoliberal cada vez mais, sendo assim, há um esvaziamento do estado frente às mazelas sociais.

Embora o benefício de prestação continuada não faça parte da previdência social, é comum haver dificuldade no entendimento porque é semelhante aos benefícios previdenciários, exceto quando se trata da gratificação natalina, também conhecida como 13º salário, por se tratar de um benefício da política de assistência social, não está previsto na legislação o pagamento da referida gratificação. Aplica – se a garantia dos mínimos sociais que para se enquadrar como beneficiário, deve estar em condição de vulnerabilidade social, deficiente físico incapacitado para o trabalho e idosos com idade igual ou superior a 65 anos.

Explicamos quais eram os objetivos do nosso trabalho, daí ganhamos a confiança daquele público, mesmo que aos poucos. A presença do gravador por si só já

inibe um pouco a participação dos sujeitos na pesquisa, cabendo ao pesquisador possuir as habilidades necessárias para que tal objeto não prejudique tanto a entrevista.

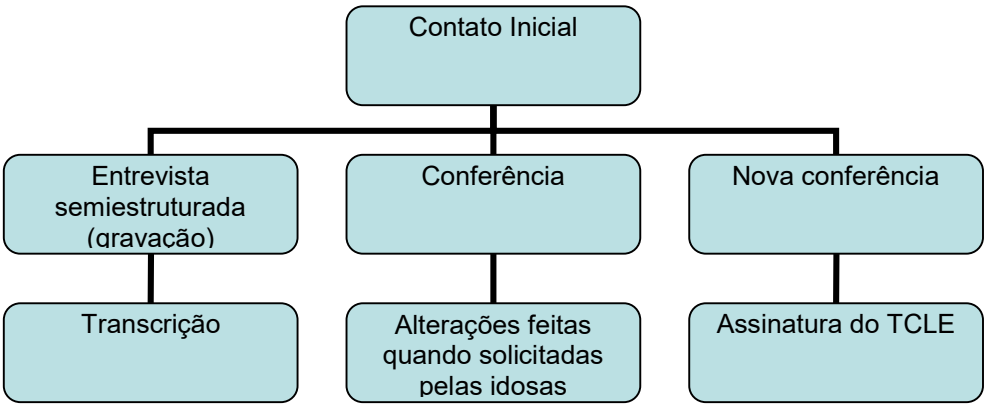
Feito isso, começamos com nossas entrevistas, sendo estas semiestruturadas, realizadas em dias alternados, uma vez que apenas 03 (três) idosas se dispuseram a participar da pesquisa em tela e também pelo fato das referidas senhoras frequentarem o centro em dias distintos. Coube nos adequar ao horário delas.

Cabe destacar a entrevista como instrumento principal para a coleta de dados, uma vez que esta possibilita uma participação maior de públicos como o de idosos, que muitas vezes não são letrados.

A primeira entrevista foi realizada no mês de novembro do ano de 2017, foi também nesse período que ocorreu os primeiros contatos do pesquisador com a instituição e com o público estudado. O restante das entrevistas foi realizado no mês de março do ano de 2018. Nos meses de abril e maio do mesmo ano, realizou se a transcrição das últimas entrevistas, ocorrendo a devolutiva para o público pesquisado.

Após a realização das entrevistas e gravação das mesmas, fizemos a transcrição, posteriormente a análise e em seguida, fizemos a devolutiva embasada em autores da história oral como Meihy, Holanda e Bosi. Como categoria de análise da ciência geográfica, optamos pelas seguintes; espaço, lugar e gênero.

2.5 Organograma dos procedimentos metodológicos



Fonte: Organização de Jesus, 2018.

CAPITULO III

RESULTADOS E DISCUSSÕES: ESTUDO DO CONTEXTO DE CRIAÇÃO DO BPC, NARRATIVAS DAS IDOSAS E AS RESPECTIVAS INTERPRETAÇÕES

O conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras. Nunca é imediato e pleno. As revelações do real são recorrentes. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta.

(Gaston Bachelard)

3.1 Contexto político nacional da criação do BPC: evoluções e lacunas

Para dar respostas às diversas mazelas sociais, em especial a questão da pobreza, na década de 1930, surge o que atualmente denominamos de assistência social. Embora naquele contexto de criação, as mazelas sociais eram tratadas como caso de polícia, pois a pobreza era tratada como disfunção pessoal dos indivíduos (SPOSATI, 1998, P. 41). Nesse momento histórico, os problemas sociais se manifestavam como demanda de atendimento por grupos de solidariedade, formados pela sociedade civil. Entre os mais presentes, estão aqueles ligados a práticas religiosas. O estado apenas se constituía como mecanismo de apoio e fiscalização das ações assistenciais.

Com a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em 1930, que tinha como objetivo fiscalizar e controlar as ações assistenciais destinadas aos trabalhadores, o estado passa a reconhecer as mazelas sociais como uma questão política a ser resolvida sob sua direção (SPOSATI, 1998, p. 42). A partir de então, a assistência social passa a ser considerada como política pública, de responsabilidade do governo, a ser realizada por meio da prestação de serviços, para minimizar os conflitos gerados pela relação entre trabalhadores e os donos dos meios de produção.

Na década de 1940, o setor industrial encontrava – se em grande expansão havendo, no entanto, uma crescente necessidade de mão de obra. É nessa fase que os trabalhadores se organizam para reivindicar seus direitos sociais e trabalhistas. Conquistas foram alcançadas e implicam uma elevação da renda dos brasileiros.

Nessa época, a Assistência Social realiza ações assistenciais de pronto – socorro com caráter emergencial, pontual e clientelista, visando suprir, de forma imediata, por meio de ajuda material ou financeira, as carências dos indivíduos. É desenvolvida uma política assistencialista somente de caráter emergencial.

Na década de 1950 foi marcada pelo início dos processos de modernização e de desenvolvimento econômico promovido pelo governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. A implantação da indústria automobilística, a instalação de usinas

hidrelétricas, a expansão da siderurgia, a construção de redes rodoviárias e a construção de Brasília foram os principais investimentos daquela década.

Entretanto, poucas foram as preocupações futuras com os investimentos que estavam sendo realizados. Ao mesmo tempo em que crescia a economia, no final da década de 1950, também aumentava, em ritmo acelerado, a inflação e caia o salário dos trabalhadores. Tanto os trabalhadores urbanos quanto os rurais estavam em processo de empobrecimento e faziam pressão política ao governo.

A década de 1960 viu a crise se agravar, o presidente Jânio Quadros renuncia, a recessão econômica de 1963 a 1965 e a instalação da ditadura militar levaram a economia brasileira a iniciar um processo de internacionalização que resultou no aumento dos índices de concentração de renda e endividamento externo. A relação do Brasil com as instituições financeiras multilaterais – BIRD, FMI e BID – estreitou - se a partir da década de 1960, e os empréstimos tomaram um caráter de centralidade na política brasileira.

No final da década de 1960, e início da década de 1970, as preocupações giravam em torno da aceleração do crescimento, da valorização do capital externo e do controle da inflação. Entretanto, o desenvolvimento das forças produtivas chocou-se com diversas limitações, entre elas a ineficiência do sistema de transportes, a escassez de insumos básicos e o aumento da inflação, além do aumento excessivo do endividamento externo, já na segunda metade dos anos 1970.

No ano de 1974, a previdência social beneficiou os idosos pobres, de mais de 70 anos, por uma lei que implementou o renda mensal vitalícia – Lei Federal de nº 6.179 de 11 de dezembro de 1974, o valor do benefício era de um salário mínimo para os que houvesse contribuído pelo menos durante um ano. Sendo esta, a primeira intervenção do Estado em prol de idosos pobres, porém de acordo com o IBGE (2018) naquele momento, a expectativa de vida girava em torno dos 52,7 anos, ou seja, poucos idosos preenchiam tal critério de concessão, portanto, não foi esta uma política inclusiva. Nesse mesmo ano, foi criado o Ministério da Previdência e Assistência Social com a incorporação da LBA, Fundação para o Bem-Estar do Menor (FUNABEM), Central de Medicamentos (CEME) e Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social (DATAPREV).

Sobre o renda mensal vitalícia como programa de transferência de renda, Schaefer (2016, p. 30-31) assevera o seguinte

> [...] surgido no ano de 1974, no âmbito da previdência social e tiveram como pioneiro o programa chamado de Renda Mensal Vitalícia –RMV (Lei 6.179, de 11 de dezembro de 1974). Seu público-alvo eram pessoas portadoras de necessidades especiais e idosos que se encontravam em estado de pobreza, quando a renda familiar não conseguia manter a sobrevivência da família. Tinha como objetivo a transferência de renda de um valor monetário de meio salário mínimo para aquelas pessoas que já haviam trabalhado e, consequentemente, contribuído com a previdência, porém por um período curto que não permitia receber o benefício previdenciário total.

Observamos que na década de 1970, com a criação do programa de transferência de renda – Renda Mensal Vitalícia – RMV, o início de uma intervenção do Estado em prol dos menos favorecidos, porém de forma mais excludente. Serviu de base para o modelo atual, pouco mais inclusivo, o benefício de prestação continuada.

Já na década de 1980 foi o período de estagnação da economia brasileira, do aumento da pobreza e da espoliação da força de trabalho. Mas também foi a década em que se criaram as condições políticas de rearticulação da sociedade civil, que reagiu com greves e multiplicação dos movimentos sociais (SPOSATI, 1995).

Também na década de 1980 ocorre um aprofundamento das desigualdades sociais e dos processos de exclusão social em nosso país. Surge aí a necessidade da criação de políticas voltadas para as demandas sociais. As políticas sociais públicas, dia ações assistenciais para responder a uma demanda crescente. Para Sposati (1995), as implicações da crise são, ao mesmo tempo, econômicas, politicas e sociais e esse quadro de enfrentamento e de luta forçou o Estado a dar uma resposta efetiva, uma vez que a pobreza, o desemprego e a violência ganharam proporções dramáticas.

As respostas por parte do Estado via políticas sociais públicas, podem não ser consideradas um avanço para a população, pois, com a herança populista, os benefícios contidos nos serviços ofertados pelo Estado são percebidos como privilégios e não como direitos, transformando a assistência em assistencialismo.

O assistencialismo é uma das características expressas na ação do Estado nas políticas sociais e exprime um caráter de emergência em relação a elas. Emergência no sentido de dar respostas eventuais e fragmentadas, assim as políticas sociais

resumem-se a um conjunto de programas, para resolver problemas pontuais em determinado tempo. Parte-se da constatação de que, assim como as demais políticas brasileiras, as políticas sociais também não são pensadas a longo prazo.

É essa visão do assistencialismo, que fortemente passa a ser questionada e revisada na década de 1980. Esta foi considerada um divisor de águas, na história em prol de direitos sociais. Em 1988, é promulgada a Constituição Federal, que garante, no seu artigo 194, uma política de seguridade social, compreendendo Saúde, Assistência Social e Previdência Social.

Na década de 1990, a situação se agrava, visto que se defende agora a internacionalização e a globalização do capital, com vistas ao desenvolvimento e ao crescimento econômico. Para tal, os países periféricos como é o caso do Brasil, buscam empréstimos, junto aos países desenvolvidos, inicia-se aí, um processo de endividamento externo.

É nesse contexto da globalização, conforme já informado acima, que em 1993, após várias reivindicações da sociedade civil, foi promulgada a lei federal de nº 8.742, em 07 de dezembro daquele ano. A partir de então, há a regulamentação da politica de Assistência Social, conforme já estava estabelecido na Carta Magna de 1988. Nessa lei, são especificados os princípios, as diretrizes, a gestão e o financiamento da Assistência Social. Assim a assistência social ganha *status* de política pública.

Conforme consta no artigo 20 da Loas [5], o Benefício de Prestação Continuada – BPC é a garantia de um salário mínimo mensal para pessoas com deficiência e ao idoso com 65 anos ou mais, desde que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção e nem de tê-la provida pela família. Na redação original, a idade para o benefício era de 70 anos, foi alterada com a promulgação da lei federal de nº 10.741/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso.

A criação do Benefício de Prestação Continuada só foi possível após o processo de redemocratização do Brasil, bem como, da promulgação da Carta Magna de 1988. Contudo, não significa a superação do assistencialismo e clientelismo, tão presentes em nossa história. É um desafio muito grande, romper com tais práticas que

---

[5] Loas – Lei Orgânica da Assistência Social – Lei federal de nº 8.742, de 07 de dezembro de 1993.

tratam o cidadão brasileiro não como um sujeito de direitos, mas como um cliente tutelado pelo Estado.

Diante desse cenário descrito acima, é que foi criado e institucionalizado o Benefício de Prestação Continuada – BPC, mesmo excluídas da política de Previdência Social, que em tese traria mais vantagens financeiras para as idosas participantes desta pesquisa, observa – se que as mesmas possuem um sentimento de pertencimento ao *lugar*, que para nossa surpresa, não é a casa dessas mulheres, e sim o Centro de Convivência do Idoso – CCI.

Para Ernst Casirer o homem pode ser definido como *symbolicum* e por sermos homens simbólicos em nossa forma de pensar, desde os primórdios que o homem se relaciona, também através de símbolos, seja através da linguagem, do mito, das artes rupestres e da religião, em tudo está a simbologia (CASSIRER, 1989, p. 58).

3.2 Narrativas das idosas

NAZARÉ MAIA GOMES

Figura 03, Nazaré Maia Gomes, (Jesus, 2017).

Ao iniciarmos a entrevista com a senhora Nazaré, ela estava um pouco ansiosa, confidenciou que não se sentia muito a vontade para dar entrevista, mas que aos

poucos, conquistamos a confiança dela. E por se tratar do benefício que recebe mensalmente, gerou uma certa desconfiança da parte dela, diz que sempre fica com medo de o “governo cortar” seja qual for o motivo.

Em seguida perguntamos para a idosa entrevistada, o nome, idade, como era a vida antes e depois do recebimento do BPC e qual o significado do Centro de Convivência do Idoso para ela?

Sou do interior de Humaitá- Am, moro aqui há 13 anos, é 13 ano? Tive bastante filho, gostava de morar no interior e agora gosto de morar aqui em Porto Velho. O ruim daqui é que não tem muito sossego como lá no Humaitá, que aqui tu não pode dormir mermo assim como dorme no Humaitá né?, aqui você dorme, mas sempre tá se acordando com qualquer barulhozinho, qualquer uma coisa né? que aqui em Porto Velho tá perigoso, vou lhe dizer! Tão matando gente por brincadeira aqui em Porto Velho ó, né que tá perigoso? Muito, muito. Gosto de frequentar aqui, passear na casa dos meus filhos, quando tem uma reunião, um negócio de uma brincadeira meus filho tá tudo perto, minha família é grande, só irmão nós somos em 12 irmão, só irmão. Mãe eu não tenho mais, pai eu não tenho, eu conheci minha bisavó, minha tataravó e meu bisavô e meu tataravó, eu conheci ainda, eu gosto daqui de Porto Velho, gosto, gosto mesmo, eu tenho uma casa aqui, é minha mesmo! Sabe? Só tem que eu... fiz, os menino fizeram uma mais grande na frente e eu não tive ainda condição ainda de terminar, moro numa pequenininha lá atrás. Eu moro com meu caçula, meu caçula tem 23 anos e não trabalha, porque num tem trabalho! Já procurou tanto trabalho e não acha trabalho pra ele trabalhar. E é assim minha família são tudo, são unida, onde eu tô as filhas tão tudo perto de mim, aí se eu preciso de uma coisa, as vezes o salário da gente sabe como é que é né? A gente tem que pagar luz, pagar uma coisinha que você comprou na loja, uma roupar, um sapato né? Aí você faz o rancho, acabou o dinheiro, não tem mais! Não é? Uso o dinheirinho do benefício pra despesa de casa, pra uma roupa, pra um sapato né? E eu pago luz! Ainda pago o IPTU porque nós tivemos agora quinta feira numa reunião lá num restaurante grande, ali pro lado da 7, o rapaz falou que da nossa idade não é mais pra nós pagar IPTU mais não. E eu nem recebe o salário inteiro, vem faltando R$ 200,00. Oh! Nós tinha uma farmácia ali de frente a UPA que a gente ia lá só com a receita e pegava todo tipo de remédio, agora não tem, a

gente vai nesses posto e não tem remédio pra pressão alta, só o remédio que eu tomo, só é pra pressão alta, colesterol eu não tenho, diabete eu não tenho, graças a Deus. Aí você vai nesses posto com aquela receita e não tem remédio né? Em todos posto que você vai não tem remédio, aí tinha essa farmácia aí grande aí, né? Que você ia lá com a receita e pegava tudo direitinho o remédio da gente, agora nem isso não tem, você tem que comprar. Agora tem que gastar, quando chega o final do mês? Tem nada mais, aí você tem que pedir um dinheirinho pra quem? Pros filhos né? E os filho me ajuda, graças a Deus que ainda tem isso. Antes de receber o benefício eu passava muita fome porque eu tinha que cuidar daqueles filho né? O pai trabalhava, por isso que nós viemo pra cá, o pai trabalhava mais só ganhava aquela michariazinha e só dava pra comprar sim, que naquele tempo que nós cheguemo aqui, R$ 50,00 você ia no mercado e comprava um racho grande ainda sobrava dinheiro e hoje em dia você vai e não sobra, não sobra dinheiro, com R$ 50,00 só dá pra comprar 2, 3 quilos de carne só, né que é? É só isso aí, só mesmo, e eu passava fome com meus filhos, passei muita fome mesmo! Mais graças a Deus aí, pelejemo, pelejemo aí, tempo que fui ai e me aposentei com 65 anos aí já melhorou mais um pouquinho. Graças a Deus que tenho, porque tem muita senhora aí que já pelejou e num se aposentou ainda.

Sobre o Centro de convivência do idoso, desde que inaugurou eu tô aqui, gosto muito de vim, todo dia estou aqui né? Só tem que ó, logo quando começou, isso aqui tinha almoço, a gente almoçava bem, tinha café de manhã você tomava bem o café, agora tá acabando tudo! Tá acabando tudo, tem dia aí que a merenda é milho cozido, tem dia aí que é um arroz, mingau de arroz com açúcar queimado, tá acabando tudo aqui! Isso aqui de primeiro dava muita gente, muita gente mesmo, mas agora tá acabando tudo, por quê? Por que o prefeito num tá olhando pra cá, no tempo do Roberto Sobrinho isso aqui era muito bom, era! Foi no tempo que eu ganhei esse terreno aqui no bairro lagoinha, foi no tempo dele! Ele lutava com nós aí, quiseram tomar, ele não deixou, ele não deixou tomar nosso terreno aí, todo mundo pegou terreno aqui no lagoinha aqui é grande porque tem o bairro lagoinha e tem o lagoa que é pra acolá né? E o bairro lagoinha é aqui, isso dai foi tudo no tempo dele e graças a Deus que ele ajudou nós, não deixou ninguém tomar nossos terrenos e até hoje eu tô

morando ai, já tem 13 anos já que estou morando aí, e gosto daí, quando foi agora nesse ano, asfaltaram a nossa rua, eu sei que eu gosto dai, graças da Deus.

Sobre a participação nas atividades do Centro de convivência do idoso, eu participo dai do pessoal que faz ai no salão né? A gente tinha o coral, a gente tinha o bolero, a gente dançava valsa, nós temo o nosso professor, nós somo do carimbó... só tem que tiraram nosso professor daqui, tiraram ele daqui, não quiseram ele aqui, com inveja dele né? Que todo mundo gostava bastante dele, gostava não, gosta! Todo mundo gosta dele, aí o pessoal com inveja tiraram ele daqui e aí aonde a gente ensaia? No Zequinha Araújo, aí já fica na contramão da gente, porque tem que pegar o ônibus ali pra ir lá, ali pro, perto do Juscelino ali, do Zequinha Araújo, você deve saber onde é o Zequinha Araújo né? Pois é a gente dia de quarta feira a gente ensaia lá e na sexta a tarde. Aqui a gente dança, faz tudo essa atividade, a gente tece um tapetezinho, a gente faz um negócio de umas bonequinha, só hoje que não teve por que a professora não veio né? Eu estudei ainda aqui ó! Estudei, ainda estudei parece que foi dois anos que estudei aqui, que nós estudemo, era muito bom aqui, sei que tratam muito bem a gente aqui ó! Eu gosto muito daqui, todo mundo gosta daqui, o dia que a gente não vem, a gente fica parece, que a gente fica doente em casa, por que você sabe a gente já tá com essa idade, a gente vai passar o dia todinho dentro de casa? Não é? E assim não olha, eu ando esse pedaço todinho e venho embora de pés, dali pra cá, aí chega aqui, a gente toma um cafezinho com um pãozinho de manhã, ai vai fazer atividade ali no salão, tem gente que vai pra água, agora eu não vou pra água porque eu não me dei com esse cloro, me deu alergia, fiquei feia, alergia mesmo que eu peguei, eu não me dou com água dai não por causa do cloro, mas sobre outra coisa, é bom aqui.

Se pudesse sugerir alguma coisa sobre o benefício, queria que aumentasse mais, risos... por que tudo aumenta o preço, ou então devia baixar mais os alimento, que olha os Gonçalves que fala ó quinta feira tá tudo mais ó... tudo tá em promoção, você vai lá tá tudo no mesmo preço né? É verdade! Você vai lá comprar uma coisa é um absurdo, é um absurdo tá tudo caro aqui dentro de Porto Velho, a gente vai comprar um negócio, tudo é caro, caro mesmo, né? Até em todo canto né? Em todo canto é caro.

TEREZINHA DE JESUS RIBEIRO SILVA

Figura 04, Terezinha de Jesus Ribeiro Silva, (Jesus, 2017).

De todas as idosas entrevistadas, a senhora Terezinha foi a mais desinibida, informa que já considera – se portovelhense por já morar aqui há 30 anos. Durante a gravação da entrevista, esboçou um sorriso, várias vezes, principalmente quando fala com orgulho da criação de seus filhos.

As perguntas feitas para a idosa entrevistada, são as mesmas; o nome, idade, como era a vida antes e depois do recebimento do BPC e qual o significado do Centro de Convivência do Idoso para ela?

Sou do Amazonas, de Manicoré, filha de Manicoré, manicorense, eu tô aqui em Porto Velho há 30 ano que eu vim pra cá. Meu menino mais novo tava com um aninho quando eu vim pra cá, o caçula né? Tava com um ano, ai esse tempo todo aqui trabalhando né? Meus filho trabalha né? eu vivo as custas deles né? E esse salariozinho que ajuda também, pra comprar remédio, comprar outras coisinha, tem as

coisinha que eu faço, trabalho, faço bordado, costura e outras coisinha, vai ajudando né? Vou levando a vida, eu vivo bem graças a Deus, não vou dizer que eu vivo mal, há trinta que moro aqui né? Me sinto mais daqui, dá pra viver melhor aqui e logo que eu cheguei aqui então é que era bom, não tinha tanta coisa que hoje dia tem tanta violência aqui, hoje tem né? Eu gostei muito de Rondônia. Quando eu cheguei aqui não tinha essas coisa de roubo, de morte, hoje dia a gente já vive tudo preso em casa né? Medo de ser roubado, assaltado, tem tanta morte né? Quando eu vim pra cá, foi com minha família todinha, tinha 11 filhos, mas Deus já levou 2, um morreu de acidente de moto, quando fez um mês, mataram meu outro filho no garimpo, fiquei muito doente, em depressão, quase que morro também com a perca dos filhos, sofri muito! daí vem as outras doenças, do coração, problema nas pernas, lutada né? Mas tô vencendo (risos), tô levando, graças a Deus tô levando, melhorei um pouco, tem um tempo que fico abatido, agora levanto de novo, Deus me dá forças, eu vou levando, até quando ele permitir. Fiquei viúva já tem 04 anos, ele morreu com 93 anos, mas ele no tempo quando nós casou ele tinha comércio grande, tudinho, era bem, mas quando ele adoeceu, pegou um doença que nem os médicos descobriram, disseram que era negócio de magnésio, como é que é? Ele amanhecia chorando na porta do comércio parece uma pessoa que tá doido, sei que ele pra Manaus, passou 70 dias internado numa clínica de doido, depois os médicos de lá disseram que não era doidice, era perturbação, tiraram ele, corremo atrás de tanto médico ai, remédio, aí ele ficou atordoado, não deixou os filhos tomar conta do comércio, ele quando queria era brabo, paraibano né? Ficou naquela coisa né? Findou acabando com tudo, vendeu tudo, acabou com tudo, aí foi que eu vim pra cá pra Porto Velho com meus filhos, que eu vi que ia passar necessidade lá em Manicoré porque o movimento era pouco, cidade pequena, aí eu vim pra cá pra trabalhar com meu filhos, um meu, os mais velhos ficaram lá, eles já casaram, por isso ficaram lá em Manicoré, aí eu vim com o Gilmar, que é um dos mais velhos e a Lúcia, ela com 15 anos e ele com 13, aí ele foi trabalhar de cobrador de ônibus naquela época, não tinha nem como estudar, foi trabalhar, trabalhou num sei quantos anos lá, daí saiu, foi trabalhar numa empresa, trabalhou nessa empresa, depois essa empresa faliu, junto com minha filha ele trabalhava lá, aí

eu morava numa casa que meu cunhado me deu pra mim morar, aí foi no dia que eu vim pra cá que ele, eu vim primeiro, falei com ele;

_ Arruma a casa que eu venho com minha família pra cá! Aí ele foi disse Mana, vou dar essa casa pra ti morar até o dia que teus filhos puderem comprar uma casa pra ti. Sei que aí ele foi pro garimpo, trabalhou, minha filha ficou com esse senhor aí, depois esse senhor fechou a empresa dele, aí pagou todos os direito dela, e com o dinheiro que ele trouxe do garimpo, naquela época eles compraram uma casa pra nós que até hoje nós mora nessa casa, casa boa, naquela época era R$ 5.000,00 era muito dinheiro, ele comprou essa casa, então é nessa casa que eu vivo até hoje junto com minha filha, aí os outros tudo casaram, foram casando, graças a Deus tudo vive bem, eu agradeço muito a Deus, todos meus filhos vivem bem, tem 03 que tem uma empresa grande, negócio de mexer com carro que eles mexem, com trabalho da prefeitura, negócio do governo, de carro essas coisas, eles trabalham e tem os outros tudo trabalha, tudo tem emprego, o Rodrigo, o Rogério, o Francisco, não fazem parte da empresa, mas trabalha noutro canto, trabalham, vivem bem, tem as coisas dele, tem casa, tem carro, tudo vive bem, graças a Deus! Por isso que eu disse que agradeço muito a Deus pelos meu filhos.

Mesmo o esposo sendo aposentado com 02 salários mínimos, não consegui receber, nem quando ele tava vivo, tentei, até ele mesmo foi comigo no INSS, mas não conseguia... tinha alguma coisa errada porque eu não conseguia me aposentar, aí a senhora lá no INSS disse que era pra ele dividir o dinheiro comigo, eu disse:

- Ele não me dá é nada doutora!

Mas por quê? Disse a doutora.

- Por que ele gasta tudo com negócio de jogo, ele não bebia, não era de beber, o negócio dele era jogar, jogava, jogava tudinho o dinheiro dele, ele recebia, quando era com 15 dias ele tava com mais nenhum tostão, tava era perturbando a gente pra dar dinheiro pra ele merendar. Os filhos tudo ele perturbava pra dar dinheiro pra ele, então... o jogo dele era aposta. Jogo de loteria, mega sena era o vício dele, nunca ganhou nada, mas uma vez a gente ficou sabendo que ele ganhou R$ 10.000,00 pela boca dos outros, que ele não dizia nada, jogava e trazia aqueles monte de papel pra casa. Eu que mantinha a casa, eu vim de lá pra trabalhar, fazer salgado, meus filhos, a

minha filha de 15 anos foi trabalhar na casa da tia dela, de empregada, o outro foi trabalhar no ônibus e outros maiorzinho foi vender salgado na rua, para aquele colégio Juscelino, não! Aquele outro que fica pra acolá, o Orlando Freire, eu trabalhei 05 anos fazendo salgado para aquele colégio, eu levantava 3 e meia a 4 horas da manhã pra fazer salgado pra entregar de 150 a 200 salgados, era uma parte de manhã e outra parte a tarde. E o que ainda fazia para os meus filhos vender, o Francisco, o Célio que era um dos maiorzinho de 10, 12 anos, 9 anos que vendiam pra a gente se manter, mas eu mantinha minha casa, nunca chegou o dia de eu dizer; hoje não tem uma xícara de leite para os meus filhos tomar! Nunca! Graças a Deus, Criei meus filhos com fartura, nunca faltou nada, iam pra escola tudo bem vestidinho, bem calçadinho, tudo que eu fazia... por isso que eu digo que na época que eu vim pra cá era melhor do que hoje (risos). E também comprava as coisas na porta, esses vendedor, eu comprava lençol, comprava rede, comprava as coisas que era preciso pra casa, pagava tudo direitinho, tudo com aquele dinheiro do salgado, eu comprava leite e carne essas coisas e os dois que trabalhavam, eles faziam uma cota, compravam todo mês eles compravam bastante feijão, meio saco de feijão, compravam arroz, macarrão, deixavam tudo... eu já comprava carne, leite e outras coisas que tivesse faltando a ainda ajudavam também, sei que nós nunca passamo necessidade, graças a Deus pela força que ele me deu, isso eu agradeço até hoje sou uma pessoa lutadora, eu não sei ficar parada nessa idade, eu limpo minha casa, tenho muitas plantas no meu quintal, cuido das minhas plantas, eu bordo, eu costuro, faço minhas coisinhas pra vender, o senhor vê naquele minha mesa lá? Tudo eu faço pra mim vender, e não tenho necessidade, faço porque gosto de fazer e faço mesmo! Tenho com que me sustentar, viver bem, nós vivemos muito bem, casa boa, meus filhos reformou a nossa casa.

Sobre o benefício ele me ajuda nos gastos com remédio, porque eu gasto muito com remédio, aí não dependo muito dos filhos, se não tem que tá pedindo dinheiro dos filhos né? Eu agradeci muito a esse senhor que fez isso comigo, e que se for possível dizer que não tem como a juíza, chegar o dia, mas ela já disse que vou conseguir né? Receber a pensão do meu falecido marido, mas se ela dissesse que não vou conseguir, eu não ia me importar, ia dizer; deixar estar como está! Mas a minha filha disse que ela

já garantiu, ainda não falei com ela, foi minha filha que foi lá e conversou com a juíza. Se não conseguir a pensão, vou dizer:

-Me deixa com esse mesmo, que eu tô muito bem, dá pra mim comprar meus remédios, minhas coisinhas e dá até pra ajudar minha filha um pouquinho no que falta, faço uma coisinha daqui, mando comprar e ainda faço minhas venda também, R$ 50,00 daqui, R$ 20,00 dali, R$ 15,00 e R$ 100,00 de acolá (risos) e assim vou vivendo né?

Ajudo minha filha com o rancho, tem vez que dou R$ 100,00, R$ 150,00 só mesmo como uma ajudinha, tem vez que ela vai comprar uma fruta, uma verdura pra gente comer. Somos tudo aliados, graças a Deus! A gente vive junto e bem. Tenho um neto que eu criei, ele é especial, ele é aposentado também, agora ele já trabalha, graças a Deus ele já melhorou muito. Ele pegou uma doença quando tinha 3 anos de idade que paralisou um lado dele, ai com muito – aleijou ele todo! O rosto dele todo aleijado, com muito tratamento, gastamo muito com ele em tratamento, mas já melhorou bastante, agora é só um lado dele que o braço dele não estica e a perna ele puxa um pouco da perna. Se o senhor ver ele assim vestido, é um rapaizão assim bonito, nem pensa que ele é especial e a fala dela? Afetou muito a fala dele, ele gagueja muito pra falar, as vezes ele fica nervoso e a voz não sai, então ele também é aposentado, ganha mais um salário né? Aí ele ajuda a gente, a tia dele também, pois é nós três que moramo junto; eu, ele e a tia dele.

Sobre o centro de convivência, frequento pouco, mas quando venho, eu gosto! Gosto mesmo, as festas, as coisas por aqui é animada, vem até 03 vezes por semana, mas fiquei um tempão em Manaus passei um ano pra lá, daí eu vim de novo pra cá, pois eu fazia as coisas lá no SESC, mas tem um bocado de tempo que não vou pra lá, peguei uma depressão, quase que eu morro, quando meus filhos morreram. Daí eu vim pra cá, ainda era lá na rua 13, de lá que passou pra cá, eu nem sabia, minha filha me trouxe aqui e fez meu cadastro, tô aqui! Já fiz hidroginástica, agora tô fazendo, mas é pago, minha filha paga pra mim é R$ 135,00 por três vezes na semana, por causa do problema na perna e no coração que a médica mandou fazer né?

Tenho problema no coração também, canseira, fiz operação, botaram, tiraram aquele veia aqui da perna, não sei o que fizeram, sei que quase que eu morro, o médico mesmo disse que não foi eles que me salvaram, foi um milagre de Deus, pois

estava com uma veia 75% entupida e mais duas, uma com 40 e pouco % e outra com 30 e pouco%, aí só fizeram nessa de 75%, então faço tratamento direto, tomo muito remédio, tem que fazer hidroginástica pra ajudar tudinho o movimento, mas não me empata de fazer minhas coisinhas em casa, no dia que eu tô ruim, eu não faço nada. Tem dias que eu faço almoço, tem dias que não faço, quando tô meio ruim, minha filha pergunta:

- Mamãe, vai fazer o almoço?

Daí eu digo; não! Aí ela compra marmitex. A gente vive assim, muito bem, tudo combinado.

Aqui no Centro de convivência, eu vendo meu crochê, bordado em guardanapo, ponto russo, tô sempre vendendo minhas coisinhas aqui, além de participar das atividade aqui, vendo minhas coisas. E também a gente se diverte, conversa uma com a outra porque se a gente ficar sozinha em casa, a gente fica isolada né? É como acontece comigo, quando eu não tenho para onde ir, eu fico isolada porque meus filhos trabalham né? Eu não tenho outra pessoa pra ficar, todo mundo trabalha, aí fico sozinha em casa, tranco toda a casa e fico lá, mas também não sei ficar parada, sempre procuro uma coisinha pra fazer.

Se eu pudesse sugerir algo para o governo, pediria que aumentasse o valor do benefício (risos) mas se não tiver como, tá bom assim mesmo.

MARIA NAZARÉ ROCHA

Figura 05, Maria Nazaré Rocha, (Jesus, 2018).

Dona Nazaré, como gosta de ser chamada, se mostrou muito tímida desde a nossa abordagem para a realização deste estudo, mesmo assim, se dispôs a participar da pesquisa. Falou pouco, alegou não gostar muito da presença do gravador, após maiores esclarecimentos, dona Nazaré nos concedeu entrevista.

As perguntas feitas para a idosa entrevistada, são as mesmas; o nome, idade, como era a vida antes e depois do recebimento do BPC e qual o significado do Centro de Convivência do Idoso para ela?

Eu nasci aqui mesmo em Porto Velho e me criei aqui, né? E... o que mais que eu tenho que falar? (risos), tenho que falar minha idade? (risos)... tenho 66 anos de idade e a minha família, já não tenho mais mãe, nem pai, já morreu, sou mãe de 08, 09 filho, 08 filho legítimo e criei 01 adotivo, aí tão todos vivo, né? Moro sozinha, não tenho companheiro, separei do meu marido tem uns 38 anos, não arrumei mais marido, fiquei só mesmo! Sempre trabalhei né? Trabalhei numa confecção de roupa, trabalhei no Selton hotel e vários outros lugares, eu trabalhei bastante mesmo, muito mesmo! Tinha registro na carteira de trabalho, mas não consegui me aposentar, fiquei muito tempo trabalhando pelos mato, trabalhando nas fazendas, nunca me importei pra correr atrás disso. Agora quando eu tava com 65 anos mesmo né? aí que meu filho mais velho resolveu e disse;

- Mãe a senhora não vai tá por aí trabalhando pá ninguém, tem que vim pra cá!

Aí ele me trouxe pa casa dele né? Aí como eu vim aqui, me associei nesse negocio aqui, no CCI e daí as menina me ajudaram, me orientaram, a menina lá a assistente social, ela que fez os papel todo, providenciou tudo pra me aposentar pela idade, foi mais culpa minha mesmo de não ter corrido atrás disso antes, de não ter me aposentado antes, eu fiquei enrolando, sempre ficava pelos mato, em sítios e lugares assim... esse foi meu destino.

Trabalhei muito de carteira assinada, mas não consegui me aposentar antes, só agora que tive a ajuda das meninas aqui do CCI é que consegui, eu esqueço muito das coisa, se não tiver alguém pra mim lembrar, acabo esquecendo de tudo. Essa aposentadoria não tem décimo terceiro.

Todo mundo da minha família mora aqui, meus filhos nasceram tudinho aqui, se criaram todos aqui e estão todos aqui. Gosto muito de morar aqui, daqui eu não saio pra nenhum canto assim né? De tá mudando pra outra cidade não! Eu gosto muito da minha cidade, muito boa, eu acho. Precisa mudar muita coisa aqui no bairro São Francisco, se a gente for botar mesmo, tem muita coisa pra melhorar, muito mesmo, as coisas...

Sobre o benefício, pra mim foi ótimo, me ajudou bastante, eu consegui pagar minhas contas que tava devendo e paguei tudo de conta que eu tinha, graças a esse benefício, e tá me servindo até hoje né? Que eu dependo dele pra comer, pra comprar

meus remédio. É pouco, é novecentos e pouco, mas me ajuda muito. Pra mim, esse benefício é a certeza que tenho esse dinheirinho todo mês, vou lá buscar, pra comprar minhas coisinhas que preciso, remédio, comida, roupa, tudo isso ai.

De primeiro eu dependia deles, né? Por exemplo; pra comprar remédio, ou faltava alguma coisa assim, eu ia lá, todos me ajudavam, roupa, calçado, as minha filha sempre me deram, entendeu? Agora não carece mais, eu não dependo mais deles e eles também não depende de mim, é só comigo mesmo, eu gasto comigo mesmo, com meu remédio, com minha comida, né?

Pra mim tá ótimo receber esse benefício, eu não tenho o que reclamar não! Trouxe pra mim independência, não preciso tá incomodando mais meus filhos pra nada.

O Centro de convivência significa muito pra mim, ó! (risos), café da manhã, a gente só se levanta em casa, escova o dente e vem embora, chega aqui, toma o café da manhã e da a hora a gente almoça, dança, brinca... faz tudo, aqui é uma boa casa! O povo daqui também são ótimo, a diretora é uma boa pessoa, faz tudo que ela pode por nois aqui. Tem um espaço de lazer, de convivência com outros idosos, que acaba não deixando a gente ficar em casa só. Quando amanhece o dia, a gente já quer vir pra cá porque se ficar em casa, por exemplo eu, se eu ficar lá, eu fico só o quê? Assisindo televisão né? E assim não, eu me levanto de manhã e vazo, só vou onze hora pra casa, ai quando tem atividade a tarde, aí vai em casa, toma um banho e volta de novo pras atividade.

Aqui a gente faz ginástica quem quer fazer, eu pelo menos só faço ginástica mesmo, não é na piscina não! Então é muito bom... a gente dança carimbó, ainda tem o carimbó, a gente dança o carimbó! Pra nós aqui demais é uma diversão ó! Fica todo mundo envolvido ali né? Vai e conversa, vai pros canto dançar, é muito bom! Não faço hidroginástica porque eu não fiz mesmo não ainda, precisa ir no médico e aqui por enquanto não tá tendo, a gente tem que tá pelos posto e isso ó, a gente marca e fica um tempão esperando, pois demora demais senhor!

Aqui é um ambiente bom! Se tiver triste em casa, vem pra cá e quando chegar aqui não fica mais! Começa a conversar, um puxa conversa dali e outro dacolá e pronto! Quando vai pra casa, no outro dia já tá querendo vim de novo pra cá.

3.3 Qualidade de vida: definição ainda em construção

Sempre que perguntarmos para alguém sobre qualidade vida, as respostas serão as mais variadas possíveis, alguns dirão que é não estar doente, outros dirão que é ter uma fonte de renda e moradia, ficaremos, então com a definição de qualidade de vida feita pela organização mundial de saúde – OMS.

A organização mundial de saúde – OMS, uma agência especializada das Nações Unidas que tem como foco lidar com questões relativas à saúde global. No âmbito da criação da ONU, houve uma preocupação e intenção de criar uma organização mundial dedicada exclusivamente à saúde. Dessa forma, os estatutos da OMS foram aprovados em 22 de julho de 1946, durante Conferência Internacional da Saúde, convocada pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC) reunido em Nova York. Porém, a Organização foi realmente fundada em 07 de abril de 1948, quando 26 membros das Nações Unidas ratificaram os seus estatutos.

O termo qualidade de vida é definido pela Organização Mundial de Saúde – OMS como; a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito muito amplo que incorpora de uma maneira complexa a saúde física de uma pessoa, seu estado psicológico, seu nível de dependência, suas relações sociais, suas crenças e sua relação com características proeminentes no ambiente (WHO, 1995). Em outras palavras, qualidade de vida envolve o bem-estar físico, mental, psicológico e emocional, além dos relacionamentos sociais e familiares.

Campos Ac *et al* (2015) aponta a importância de novos estudos sobre o envelhecimento, e mais

> Os novos estudos sobre envelhecimento apontam desafios voltados para a compreensão das condições associadas à possibilidade de assumir o envelhecimento como um processo positivo e a velhice como uma etapa da vida que pode ser acrescida de saúde, bem-estar, prazer e qualidade de vida.

Há uma relação diretamente proporcional entre envelhecimento ativo e participação em grupos, ou seja, quanto maior a participação comunitária dos idosos, maior a chance de envelhecimento ativo (CAMPOS AC *et al, 2015).*

O termo envelhecimento ativo foi adotado pela organização mundial da saúde no final dos anos 90 para transmitir uma mensagem mais abrangente do que o termo "envelhecimento saudável", e reconhecer, além dos cuidados com a saúde, outros fatores que afetam o modo como os indivíduos e as populações envelhecem (Kalache e Kickbusch, 1997).

A abordagem do envelhecimento ativo está embasada no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas e nos princípios da independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização, tudo estabelecido pela organização das nações unidas.

Falar de reconhecimento de direitos no nosso país, nem sempre é uma tarefa fácil, pois temos um histórico de exclusão social que afetou e continua afetando a população menos favorecida, as consequências da exclusão social sobre a vida da população envelhecida são mais visíveis, pois de acordo com Bosi (1994, p. 77)

> A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Sem a posse, da propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa.

Por isso, tratar de um envelhecimento ativo constitui um grande desafio, pois assim como a modernidade, a ciência e seus avanços trouxeram mecanismos para se obter qualidade de vida, esperança de longevidade, alternativas de lazer, de educação, trouxe também várias formas da segregação espacial do idoso (SOUZA, 2009, p. 63).

Já para Torres (2002), essa fase da vida não é igual para todos os indivíduos: homens, mulheres, ricos ou pobres, ou ainda, alfabetizados e analfabetos, pois as percepções são diferentes, os indivíduos são detentores de singularidades, de mundos, de trajetórias diferentes. Uma vez que para quem dispõe de recursos financeiros, ou seja, quem pertence às classes sociais mais abastadas, tem acesso a excelentes centros de saúde, de lazer, alimentação, além de boas moradias, por esses e outros

motivos, os impactos da velhice nesse público mais abastado, pode ser encarado de uma maneira mais positiva.

3.4 Interpretação das narrativas das idosas

Analisar os impactos positivos do benefício de prestação continuada, na vida dessas idosas pesquisadas, não é uma tarefa fácil, desde quando propusemos estudar o assunto em tela, já sabíamos dos desafios a ser enfrentados, desde a acessibilidade ao público ora estudado, até a quantidade de sujeitos dispostos a participar da pesquisa. Na fenomenologia o número de sujeitos não segue uma norma, como ocorre na pesquisa quantitativa que se vale da estatística (BICUDO, 2011, p. 56) a autora continua afirmando o seguinte:

> [...] fenomenologicamente não se procede por amostragem, mas sabemos que quanto mais sujeitos, maior será a variabilidade das experiências vividas a respeito do fenômeno situado. Pode ocorrer que estruturas especificamente situadas sejam evidenciadas no relato de um sujeito apenas. Entretanto, é importante observar-se que o número de sujeitos ouvidos é definido pela repetição, nas descrições, de aspectos importantes ao fenômeno interrogado. (BICUDO, 2011, p. 56).

Conforme advertência de Bicudo (2011) não devemos ter uma preocupação demasiada na quantidade de sujeitos participantes da pesquisa, e sim, nas repetições, descrições e aspectos importantes do nosso estudo. Nesse sentido, tentaremos interpretar as narrativas das idosas ora pesquisadas, pela delimitação do tema estudado e a metodologia adotada, as narrativas não foram livres, por isso as narrativas estão delimitadas dentro do contexto dos impactos positivos do benefício de prestação continuada.

As três idosas participantes da pesquisa falaram sua origem, todas nasceram e sempre viveram na região Norte do Brasil, sendo que 02 (duas) são naturais do Estado do Amazonas e 01 (uma) natural daqui de Porto Velho. Vieram para cá motivadas pelas oportunidades, ou em busca de melhores condições de vida, exceto a D. Maria Nazaré Rocha que é natural daqui.

Dá pra viver melhor aqui e logo que eu cheguei aqui então é que era bom, não tinha tanta coisa que hoje dia tem tanta violência aqui, hoje tem né? Eu gostei

muito de Rondônia (D. Terezinha, p. 56); gostava de morar no interior e agora gosto de morar aqui em Porto Velho (D. Nazaré, p. 52).

Nenhuma das idosas entrevistadas possui cônjuge, 01 (uma) é viúva, outra está separada do cônjuge e a Dona Nazaré não quis informar seu estado civil. **Fiquei viúva já tem 04 anos, ele morreu com 93 anos (D. Terezinha, p. 56); Moro sozinha, não tenho companheiro, separei do meu marido tem uns 38 anos, não arrumei mais marido, fiquei só mesmo! (D. Maria Nazaré, p. 61).**

3.4.1 Percepções acerca do benefício de prestação continuada

Partindo do entendimento de que "a fenomenologia prioriza a percepção e entende que qualquer ideia prévia que se tem sobre a natureza dos objetos deve ser abolida" (LENCIONI, 2003, p. 149), é que nos propusemos a estudar os impactos positivos do benefício de prestação continuada na vida das idosas pesquisadas. É nessa corrente filosófica que embasamos nosso estudo, por entender que a relação do ser humano com a natureza passa a ser percebida como um fenômeno que ocorre através da percepção (LENCIONI, 2003).

A partir de então, entrevistamos as idosas e no momento que perguntamos quais foram os impactos positivos do BPC na vida delas, as respostas foram as seguintes:

Tabela 1: Percepções sobre o recebimento do BPC

NAZARÉ	TEREZINHA	MARIA NAZARÉ
Uso o dinheirinho do benefício pra despesa de casa, pra uma roupa, pra um sapato né? E eu pago luz! Ainda pago o Iptu (pg. 52)	E esse salariozinho que ajuda também, pra comprar remédio, comprar outras coisinha (pg. 56)	De primeiro eu dependia deles, né? Por exemplo; pra comprar remédio, ou faltava alguma coisa assim, eu ia lá, todos me ajudavam, roupa, calçado, as minha filha sempre me deram, entendeu? Agora não carece mais, eu não dependo mais deles e eles também não depende de mim, é só comigo mesmo,

		eu gasto comigo mesmo, com meu remédio, com minha comida, né?(pg. 62)
Antes de receber o benefício eu passava muita fome porque eu tinha que cuidar daqueles filho né? O pai trabalhava, por isso que nós viemo pra cá, o pai trabalhava mais só ganhava aquela michariazinha (pg. 52)	Sobre o benefício ele me ajuda nos gastos com remédio, porque eu gasto muito com remédio, aí não dependo muito dos filhos, se não tem que tá pedindo dinheiro dos filhos né? (pg. 58)	Pra mim tá ótimo receber esse benefício, eu não tenho o que reclamar não! Trouxe pra mim independência, não preciso tá incomodando mais meus filhos pra nada. (pg. 62)
eu passava fome com meus filhos, passei muita fome mesmo! Mais graças a Deus aí, pelejemo, pelejemo aí, tempo que fui ai e me aposentei com 65 anos aí já melhorou mais um pouquinho.	Me deixa com esse mesmo, que eu tô muito bem, dá pra mim comprar meus remédios, minhas coisinhas e dá até pra ajudar minha filha um pouquinho no que falta, faço uma coisinha daqui, mando comprar. (pg. 58)	É pouco, é novecentos e pouco, mas me ajuda muito. Pra mim, esse benefício é a certeza que tenho esse dinheirinho todo mês, vou lá buscar, pra comprar minhas coisinhas que preciso, remédio, comida, roupa, tudo isso ai.(pg. 61)
	Receber a pensão do meu falecido marido, mas se ela dissesse que não vou conseguir, eu não ia me importar, ia dizer; deixar estar como está! (pg. 58)	

Fonte; Organização Jesus (2018).

Com base nas respostas das idosas, podemos observar os impactos que tal benefício trouxe na vida delas. Entendemos que na fenomenologia há a tentativa de descrever diretamente a nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer (MERLEAU-PONTY, 1999, p.01-02). Portanto, é o sujeito pesquisado quem vai descrever sua própria experiência, tal qual ela é.

Sobre os impactos do benefício de prestação continuada, as respostas foram parecidas, todas girando em torno de certa independência financeira. Quando ouvimos respostas como;

De primeiro eu dependia deles, né? Por exemplo; pra comprar remédio, ou faltava alguma coisa assim, eu ia lá, todos me ajudavam, Agora não carece mais, eu não dependo mais deles. Evidencia se aí, que houve independência dessa idosa em relação aos seus filhos, uma vez que eles a ajudavam antes do recebimento do benefício.

Outra fala que cabe destacar aqui; Uso o dinheirinho do benefício pra despesa de casa, pra uma roupa, pra um sapato né? E eu pago luz! Ainda pago o IPTU. Antes de receber o benefício eu passava muita fome, agora que recebo esse dinheirinho, é que as coisas melhorou pra mim. Com base nessa narrativa, observa-se que a garantia de pelo menos um salário mínimo mensal para custear suas despesas, mesmo sabendo da desvalorização monetária do salário mínimo, trouxe pelo menos a certeza do custeio da despesa dessa idosa.

Outra senhora entrevistada, narra o seguinte:

Sobre o benefício ele me ajuda nos gastos com remédio, porque eu gasto muito com remédio, aí não dependo muito dos filhos, se não tem que tá pedindo dinheiro dos filhos né? É pouco, é novecentos e pouco, mas me ajuda muito.

Percebemos nas narrativas, o desejo de independência das idosas em relação aos seus filhos, mesmo sabendo que o velho assume um papel importante no grupo social e familiar, a importância de suas experiências, das suas lembranças, nesse sentido, recorremos às palavras de Bosi e explicar que:

> Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63)

Conforme está assegurado na legislação de nosso país; é dever dos filhos amparar seus pais na velhice, porém dada a realidade social na qual boa parte da população está submetida, nem sempre esse amparo é integral, por esses e outros motivos é que existe este amparo.

Em todas as narrativas, as idosas afirmam o amparo recebidos de seus filhos, embora fica evidente o desejo de independência em relação a eles.

A utilização da história oral, na tentativa de interpretação, se dá porque seu uso e aplicabilidade são desenvolvidos de modo a esclarecer trajetórias individuais, que muitas vezes não têm outra oportunidade de serem entendidas e elucidadas (SOUZA, 2009, p. 24).

Meihy (1996, p. 9) diz que:

> Por meio da História Oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais discriminadas, principalmente de mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, além de migrantes, imigrantes, exilados, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias.

Qualificar os impactos do benefício de prestação continuada na vida destas mulheres idosa, não foi tarefa fácil, dada as particularidades e subjetividade dos sujeitos pesquisados. Merleau-Ponty (1999, p. 105) assevera o seguinte:

> O horizonte é aquilo que assegura a identidade do objeto no decorrer da exploração, é o correlativo da potência próxima que meu olhar conserva sobre os objetos que acaba de percorrer e que já tem sobre os novos detalhes que vai descobrir. Nenhuma recordação expressa, nenhuma conjectura explícita poderiam desempenhar este papel: elas só apresentariam uma síntese provável, enquanto minha percepção se apresenta como efetiva. A estrutura objeto-horizonte, que dizer a perspectiva, não me perturba quando quero ver o objeto.

Isso quer dizer que o que se mostra que no texto acima mencionado de Merleau-Ponty é referido como objeto, e o horizonte encontra-se no olhar, constituindo a estrutura objeto-horizonte, entendida pelo autor como a perspectiva.

3.4.2 Percepção acerca do Espaço vivido pelas idosas

Quando a ciência geográfica inspirada na fenomenologia enfoca de forma subjetiva a realidade na qual a intuição constitui um elemento importante no processo do conhecimento, entende-se então, que o espaço vivido é percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço. (LENCIONI, 2003, p. 152).

Outra definição de espaço vivido é dada por Frémont (1980) afirma que o indivíduo não é objeto neutro no espaço, pois o apreende, se conecta, se vincula, emite sentimentos, angústias, insatisfações ao que lhe rodeia e ao que lhe faz parte. Esta relação se dá de forma dinâmica e contínua. Souza (2009, p. 166) define essa relação como:

> [...] as relações dos seres humanos com os lugares é que parece ser o objeto fundamental da geografia, diante do espaço humanizado, repleto de conhecimentos, saberes e culturas, se desenvolvendo então, uma geografia social. O espaço vivido se apresenta como o revelador das realidades regionais.

É nesse espaço vivido/humanizado que analisaremos o significado de lugar na vida das idosas pesquisadas, para Tuan (1983, p. 4), os lugares são centros aos quais, atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação.

Eu gosto muito daqui, todo mundo gosta daqui, o dia que a gente não vem, a gente fica parece, que a gente fica doente em casa, por que você sabe a gente já tá com essa idade, a gente vai passar o dia todinho dentro de casa? Não é? (pg. 56)

Parte de uma narrativa da D. Nazaré Maia, quando destaca a importância do Centro de Convivência do Idoso em sua vida, percebe-se que se não houvesse o referido centro, a D. Nazaré ficaria o dia todo em casa, provavelmente sozinha, ficando assim, mais vulnerável inclusive a doenças, em especial a depressão.

Sobre o centro de convivência, frequento pouco, mas quando venho, eu gosto! Gosto mesmo, as festas, as coisas por aqui é animada, vem até 03 vezes por semana... a gente se diverte, conversa uma com a outra porque se a gente ficar sozinha em casa, a gente fica isolada né? É como acontece comigo, quando eu não tenho para onde ir, eu fico isolada porque meus filhos trabalham né? Eu não tenho outra pessoa pra ficar, todo mundo trabalha, aí fico sozinha em casa. (pg. 61-62)

Em outra narrativa, dessa vez, a da D. Terezinha, destacamos mais uma vez a importância do centro de convivência do idoso na vida dessa senhora. O relato de ficar boa parte do tempo em casa, sozinha, está presente em todas as narrativas, fato que vem corroborar com Beauvoir (1980, p. 663) que diz o seguinte:

> [...] mesmo que se construa para eles residências decentes, não se poderá inventar-lhes a cultura, os interesses, as responsabilidades que dariam sentido à sua vida. Não digo que seja inteiramente inútil melhorar, no presente, sua condição; mas isso não traz nenhuma solução ao verdadeiro problema da última idade: como deveria ser uma sociedade, para que, em sua velhice, um homem permanecesse um homem?

Simone de Beauvoir diz em sua obra intitulada "**A velhice"** estamos distantes de alcançar uma sociedade que crie condições culturais, onde jovens adquiram meios de captar, de saber ouvir e de descobrir com clareza e inteligência as condições em que são criadas as políticas da velhice. E continua asseverando o seguinte; estamos longe de uma sociedade que entenda a velhice não como um passo para a morte, e sim, como mais uma etapa da vida. O tratamento que dispensamos à velhice "denuncia o fracasso de toda a nossa civilização" (BEAUVOIR, 1980, p. 664).

O Centro de convivência significa muito pra mim, ó! (risos), café da manhã, a gente só se levanta em casa, escova o dente e vem embora, chega aqui, toma o café da manhã e da a hora a gente almoça, dança, brinca... faz tudo, aqui é uma boa casa!

Tem um espaço de lazer, de convivência com outros idosos, que acaba não deixando a gente ficar em casa só. Quando amanhece o dia, a gente já quer vir pra cá porque se ficar em casa, por exemplo eu, se eu ficar lá, eu fico só o quê? Assistindo televisão né? E assim não, eu me levanto de manhã e vazo, só vou onze hora pra casa, ai quando tem atividade a tarde, aí vai em casa, toma um banho e volta de novo pras atividade. (pg. 65).

E por último, não menos importante, temos a narrativa da D. Maria Nazaré, com relação a importância que o centro de convivência do idoso exerce na sua vida, destacando que se não fosse as atividades executadas pelo referido centro, ficaria em casa o dia todo, sem fazer nada, somente assistindo a programação em sua televisão.

Analisaremos abaixo, as percepções acerca do lugar onde residem as idosas e respectivamente o sentimento de pertencimento a este lugar, na visão de Y FU TUAN, considera que os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar (1983: 158) a partir daí, é introduzido o conceito de topofilia incorporando sentimentos de afeição, simpatia e admiração estética por lugares e paisagens valorizadas, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

Sou do interior de Humaitá- Am, moro aqui há 13 anos, é 13 ano? Tive bastante filho, gostava de morar no interior e agora gosto de morar aqui em Porto Velho. (pg. 54)

Apesar da D. Nazaré afirmar que gosta de morar aqui em Porto Velho, ainda é evidente o sentimento de apego as suas origens em Humaitá – Estado do Amazonas, em razão de Porto Velho ser uma cidade agitada e violenta, de acordo com a narrativa da referida idosa.

Sou do Amazonas, de Manicoré, filha de Manicoré, manicorense, eu tô aqui em Porto Velho há 30 ano que eu vim pra cá.(pg. 57).

Me sinto mais daqui, dá pra viver melhor aqui e logo que eu cheguei aqui então é que era bom, não tinha tanta coisa que hoje dia tem tanta violência aqui, hoje tem né? Eu gostei muito de Rondônia. Quando eu cheguei aqui não tinha essas coisa de roubo, de morte, hoje dia a gente já vive tudo preso em casa né? (pg. 58).

Embora haja um saudosismo da época em que segundo a D. Terezinha, morar em Porto Velho era bom, por ser esta uma cidade tranquila, atualmente tem tanta violência. Observa- se aí um sentimento *topofílico* desta idosa em relação ao espaço urbano de Porto Velho, ficando mais evidente quando a mesma narra; me sinto mais daqui, dá pra viver melhor aqui.

Eu nasci aqui mesmo em Porto Velho e me criei aqui, né? (pg. 63)
Gosto muito de morar aqui, daqui eu não saio pra nenhum canto assim né? De tá mudando pra outra cidade não! Eu gosto muito da minha cidade, muito boa, eu acho. Precisa mudar muita coisa aqui no bairro São Francisco, se a gente for botar mesmo, tem muita coisa pra melhorar, muito mesmo, as coisas...(pg. 64).

De todas as narrativas, esta última é a que demonstra uma identidade regional maior, talvez pelo fato de a D. Maria Nazaré ter nascido aqui nesta cidade. Alega problemas em seu bairro, mas mesmo assim, não tem vontade de mudar se para outro lugar, portanto é a narrativa que mais demonstra um sentimento topofílico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a estudar os impactos positivos do Benefício de Prestação Continuada – BPC na vida de mulheres idosas em Porto Velho, que frequentam e participam das atividades desenvolvidas no Centro de Referência do Idoso – CCI, como recorte espacial, as participantes deveriam residir na zona leste de Porto Velho.

Uma vez estabelecido o contato com essas mulheres idosas, observamos parte da dinâmica de seu cotidiano, em especial, nas atividades realizadas no Centro de Referência do Idoso, o qual atende cerca de 1.000 idosos tanto do sexo masculino, como do feminino.

Observamos que a cidade de Porto Velho assim como inúmeras outras, não oferece opções de lazer, transporte público adequado e outros espaços de convivência e interação para esta parcela populacional envelhecida, sendo o Centro de Convivência do Idoso, o único espaço público e gratuito de lazer e outras atividades para a população idosa menos abastada. Outra instituição que tem um papel importante na qualidade de vida de idosos é o Serviço Social do Comércio – SESC, como o próprio nome já diz, é uma instituição ligada ao comércio, portanto não é gratuita.

A importância de estudos sobre a velhice na contemporaneidade se dá em virtude de termos uma população cada vez mais envelhecida, com a taxa de natalidade em baixa e consequentemente, a queda do número de filhos por casal, seremos num curto espaço de tempo um País não mais de pessoas jovens, e sim de idosos. Por este motivo, discutir a problemática da velhice, é enxergar um futuro não tão distante, considerando que os idosos compõem cerca de 11% da população brasileira.

Conforme dados já apontados acima pelo IBGE, a maioria da população idosa é composta por mulheres, inclusive estas possuem uma expectativa de vida maior em relação aos homens, talvez por cuidarem mais de sua saúde, além de fatores culturais, por exemplo: os homens historicamente se expõem mais a riscos que as mulheres, estas por serem ao longo do tempo, consideradas frágeis, recebem uma proteção maior numa sociedade patriarcal como é o caso da nossa.

Nesse *interim,* falar de qualidade de vida em tempos de crise financeira, pela qual o nosso País está passando, onde a inflação corrói o poder de compra, dentre outras mazelas, não constitui tarefa fácil.

Sabemos que não há receita pronta, nem tampouco uma padronização de conceitos sobre qualidade de vida, por isso optamos pela utilização do conceito de qualidade de vida definido pela Organização Mundial da Saúde, por este motivo o método utilizado nesta pesquisa foi o fenomenológico porque em vez da objetividade, dá-se lugar à subjetividade, à interpretação. Essa perspectiva leva a uma apreensão particular do fenômeno, uma vez que o pesquisador passa a dar maior atenção ao informante e à sua realidade.

O Benefício de Prestação Continuada – BPC é pago mensalmente o valor de 01 (um) salário mínimo vigente aos beneficiários, é comum não haver distinção entre este benefício com a aposentadoria por idade, a diferença está principalmente por não haver pagamento de 13º salário para os beneficiários do BPC, por isso quando havia alguma dúvida por parte das idosas, perguntávamos se elas recebiam o 13º salário, quando a resposta era positiva, explicávamos que não era nosso objeto de estudo, vez que se tratava de aposentadas, e não de beneficiárias do BPC.

Se o valor do salário mínimo vigente fosse como está na Constituição Federal de 1988, certamente teríamos mais qualidade de vida para a população em geral porque esta teria acesso à moradia, saúde, educação, lazer dentre outros... que embora estejam consagrados na nossa Carta Magna, não é oferecido pelo Estado, e quando oferta essas políticas, é de forma fragmentada e pulverizada, sob a égide do Estado Mínimo.

Caracterizamos o contexto nacional de criação do BPC, desde a ausência total do Estado na questão social, até a intervenção deste, dada somente a partir da segunda metade do século XX, especialmente no período de redemocratização e promulgação da nova Constituição Federal.

Mesmo com todas as adversidades, quando perguntamos para as idosas pesquisadas sobre os impactos trazidos por tal benefício na vida delas, as respostas foram sempre positivas, chamando atenção uma narrativa que dizia; antes do recebimento desse salário, eu passei muita fome, muita fome mesmo! Noutras

narrativas, ficou evidente a independências das idosas em relação aos seus filhos, pois antes do recebimento do BPC, dependiam quase que exclusivamente da ajuda de seus filhos para a alimentação, medicamentos e vestuário.

Embora o BPC tenha trazido certa independência para as idosas, verificamos nas narrativas que boa parte deste benefício é gasta com medicamentos, devido à idade avançada, problema de saúde como hipertensão arterial aparece em todas as narrativas, e muitas vezes os medicamentos para tratamento dessa doença, não estão disponíveis na rede pública de saúde, obrigando assim as idosas gastar boa parte de seus proventos para comprar os remédios dos quais elas fazem uso constante.

Mesmo com todas as mazelas advindas com a velhice, percebemos que as idosas pesquisadas mantêm laços afetivos com sua família, o que é importante para todo indivíduo, ainda mais quando o mesmo se encontra num estado de dependência, como é o caso da velhice.

Em relação ao espaço vivido por elas, observa se uma relação de pertencimento, na ótica de Tuan (1983, p. 58), o espaço é transformado em lugar. Quando falamos sobre a cidade de Porto Velho, todas as respostas foram positivas, tendo aí um sentimento de pertencimento ao lugar, o mesmo aconteceu quando perguntamos sobre o significado do Centro de Referência do Idoso na vida delas, as respostas foram sempre de satisfação e identidade para com o lugar, as idosas falaram sobre as atividades culturais desenvolvidas no centro, dentre elas, o carimbó merece total destaque, uma vez que ficou evidente o orgulho de dançar esta dança típica da nossa região amazônica.

São mulheres da região amazônica brasileira, por esta razão, o Centro de Referência do Idoso tem a preocupação de realizar atividades culturais da nossa região, fortalecendo os laços culturais na vida do público atendido. Assim, temos um grupo de idosas e idosos que mesmo com a ausência de políticas públicas e sociais, encontraram no Centro de Convivência do Idoso um espaço de interação, onde eles podem participar de diversas atividades, inclusive culturais, fortalecendo seus vínculos familiares e sociais.

.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI. V. **Manual de história oral.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2004.
ALMEIDA, V.L. V. **Direitos Humanos e Pessoa Idosa.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

ALVES, Hellen Virgínia da Silva. **Grades invisíveis: as características socioespaciais da prisão a partir da percepção das mulheres encarceradas na penitenciária feminina de Rondônia**/Hellen Virgínia da Silva Alves. – Porto Velho, Rondônia, 2017. 474 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Ciências e Tecnologia (NCT), Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia (PPGG), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, 2017.

ALVES, J. E. D. . O fim do bônus demográfico e o processo de envelhecimento no Brasil. REVISTA PORTAL de Divulgação , v. 5, p. 6-17, 2015.

ANDREWS. G. A. **Los desafios del processo de envejecimiento en las sociedades de hoy y del futuro**. In: ENCUENTRO LATINO AMERICANO Y CARIBEÑO SOBRE LAS PERSONAS DE EDAD, 2000, Santiago. **Anais...** Santiago: CELADE, 2000. P. 247-256. (seminários y conferencias- CEPAL, 2).

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho:** ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Bomtempo Editorial, 1999.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes,1993.

_____. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento/Gaston Bachelard; tradução Esteia dos Santos Abreu – Rio de Janeiro: contraponto, 1996.

BAUMAN, Zygmunt, 1925. **Vidas desperdiçadas/**Zygmunt Baumant; Tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, v.I, II**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BICUDO. **Maria Aparecida Viggiani (Org.).** Pesquisa qualitativa segunda a visão fenomenológica. São Paulo: Cortez, 2011.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos.** 11. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponivel em: <>.http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?t=3&z=t&o=22&u1=1&u2=1&u4=1&u5=1&u6=1&u3=34>. Acesso em: set. 2017.

_____. Ministério de Desenvolvimento Social de Combate a Fome. Disponível em: https://www.mds.gov.br/relcrys/bpc/docs/downloads/2018/JunRO.pdf. Acesso em: jun. 2018.

BRASIL. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a Organização da Assistência Social e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 7 dez. 1993.

_____. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1 out. 2003.

_____**.** Constituição (1988). Constituição: República Federativa do Brasil. s.l,Senado Federal, 1988.

BOLLNOW, Otto Friedrich, 1903 – B692. **O homem e o espaço**. Tradução de Aloísio Leoni Schmid. – Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CALDAS. Alberto Lins. Geografia oral. **Oralidades, Revista de História Oral,** São Paulo, n. 5, p. 175-186, jul./dez. 2011.

CAMARGO, A.; D'ARAÚJO, C. Como a história oral chegou ao Brasil, (entrevista). **História oral**. Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p.167-179, 1999.

CAMPOS, A. C. V. ; VARGAS, A. M. D. ; FERREIRA, E. F. . Determinantes do envelhecimento ativo segundo a qualidade de vida e gênero. Ciência & Saúde Coletiva (Online) , v. 20, p. 2221-2237, 2015.

Ernst Casirer. **Antropologia filosófica**. Introdução a uma filosofia da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1989.

CHIAPETTI. Rita Jaqueline Nogueira. **Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia humanista**. In: **Geo Textos**, vol. 6, n. 2, dez. 2010. P. 139-162.

CORRÊA. (1986 a**). Região e Organização Espacial**. São Paulo, Editora Ática.

_____. **Geografia: conceitos e temas**. Iná Elias de Castro, Paulo César Gomes, Roberto Lobato Corrêa. – 2ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da geografia/Paul Claval**; tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

FERREIRA, Telma Ferreira da Silva. Gênero e geografia no assentamento rural Joana D'Arc III: Um lugar às margens da estrada. Porto Velho, Rondônia, 2014. 110f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Ciências e Tecnologia (NCT), Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia (PPGG), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, 2014.

FERREIRA, R. B. . Husserl, mundo-da-vida e geografia. Revista da Abordagem Gestáltica (Impresso) , v. 22, p. 119-126-126, 2016.

FREMONT, Armando. **A Região, Espaço Vivido.** Curitiba: Almedina, 1980.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUEIROS, Dalva Azevedo; OLIVEIRA, Rita de Cássia S. Direito à convivência familiar. **Serviço Social & Sociedade,** n. 81. São Paulo: Cortez, 2005.
HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. A ideologia da velhice – 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2016.

João Batista Alves De Jesus y Maria Das Graças Silva Nascimento Silva (2018): "Notas para la periodización de la política habitacional del estado mexicano: 1917 - 2015", Revista Caribeña de Ciencias Sociales (enero 2018). En línea: //www.eumed.net/2/rev/index.html/caribe/2018/02/realidade-social-portovelhoro.html //hdl.handle.net/20.500.11763/caribe1802realidade-social-portovelhoro

JORDÃO NETTO, A. **Gerontologia Básica. São Paulo**: Lemos, 1997.

KALACHE, A. & KELLER. I. (1997) " *A global strategy for healthy aging". World Health.(4)*. Julho – Agosto – 4,5.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia.** São Paulo: EDUSP, 2003.

LIMA, M. S. B. ; SANTOS, Erika Vanessa Moreira Santos . A PESQUISA QUALITATIVA EM GEOGRAFIA. Caderno Prudentino de Geografia , v. 2, p. 25-55, 2015.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. **A Árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano.** Campinas, SP. Editorial Psy II, 1995. 281 p.

MEDEIROS FILHO, João; SOUZA, Itamar. **OS DEGREDADOS FILHOS DA SECA**. Vozes, Petrópolis, 1981.

MEIHY, **J. C. S**. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2002.

_____. HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948.** Tradução de: Fábio Landa; Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO. M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 80 p.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER**,** Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. In: **Psicologia em Estudo,** set/dez 2006, vol. 11, nº. 3, p. 647-654.

NASCIMENTO SILVA, M. G. S. **Parteiras ribeirinhas: Saúde da mulher e o saber local. 2004. Tese de Doutorado.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). Belém: Universidade Federal do Pará.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças S. N. **O espaço ribeirinho**/Maria das Graças Silva. – São Paulo: Terceira Margem, 2.000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Guia global: cidade amiga do idoso. Biblioteca da OMS, Genebra: Suiça, 2008.

ORNAT, Marcio Jose. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. In: **Revista Terr@ Plural,** jul/dez 2008, vol. 2, p. 309-322.

PAIVA, Sálvea de Oliveira Campelo e. ***Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo de capital***. São Paulo: Cortez, 2014.

PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia:** a **velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Atheneu, 2002.

PAULILO, M. A S. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Serviço Social em Revista. Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez.1999. . Acesso em 12 de março de 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**./Milton Santos – 3ª edição – São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHAEFER. Ana Paula Bezerra**. Os impactos da transferência de renda do programa Bolsa Família na vida das mulheres rurais do assentamento Joana Darc III.** Ana Paula Bezerra Schaefer. Porto Velho, Rondônia, 2016. 97f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Núcleo de Ciências e Tecnologia (NCT), Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia (PPGG), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, 2016.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. In: **Revista de História Regional,** 2003, p. 31-45.

SOUZA, Sheila Ximenes de. S895v **A Velhice fora do Lugar: história oral de vida**. / Sheila Ximenes de Souza. Porto Velho, Rondônia, 2009. 171f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Ciências e Tecnologia (NCT), Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia (PPGG), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, 2009.

SUERTEGARAY. D. M. A. Geografia e trabalho de campo. In:____ **Geografia Física, Geomorfologia: uma (re) leitura.** Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2002.

SPOSATI, A. O. (Coord). ***A Assistência Social no Brasil 1983-1990***. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Estado e política sociais no neoliberalismo.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **A assistência social na trajetória das políticas sociais brasileiras:** uma questão em análise. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

TORRES, Vera Lúcia Scaramuzzinni. **Velhice dentro e fora do mundo do trabalho**. In: Rosa Carmina Couto, Edna Ramos de Castro Rosa Acevedo Marin (org.). Saúde, trabalho e meio ambiente: Políticas Públicas na Amazônia. Belém: NAEA, 2002. p. 221-235.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.

THOMPSON. P. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

VILLANUEVA RAMOS, S.E. Cidade, Hospitalidade, Turismo e Terceira Idade. In: Mauro José Ferreira Cury, Rita de Cássia da Silva Oliveira e Rosemar Eurico Coenga. (Org.).

As interfaces da velhice na pós modernidade: avanço e desafios na conquista da qualidade de vida. Cascavel: EDUNIOESTE, 201

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO

SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTENCIA SOCIAL E FAMÍLIA
CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO - CCI

PLANO DE AÇÃO – CCI

2018

PORTO VELHO

2018

1 INTRODUÇÃO

O Centro de Convivência do Idoso – CCI é uma unidade de cunho social, que está situado na Avenida Amazonas, nº 6888, bairro Tiradentes, no município de Porto Velho – RO.

Mantido pela Prefeitura Municipal da referida cidade, gerido pela Secretaria de Assistência Social e da Família– SEMASF em consonância com a Lei nº 8842/94, conta ainda com parcerias de voluntários e entidades da rede privada como instituições de ensino e associações técnicas, atendendo atualmente mais de 1000 idosos, com uma freqüência média de 150 idosos por dia.

O CCI trabalha conforme as prerrogativas do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, primando sempre pela convivência familiar e fortalecimento de vínculos, no intento de ampliar trocas culturais e incentivar a socialização e a convivência comunitária.

2 AÇÕES INSTITUIÇÕES DESENVOLVIDAS PELO

No âmbito da Política Municipal de Assistência Social, e com base no SUAS, este Centro de Convivência desenvolve várias ações podendo serem ressaltadas algumas delas, tais como:

- Promoção e defesa dos direitos humanos da pessoa idosa;
- Valorização, autonomia, integração e participação no universo da família, e sociedade;
- Prevenção e enfrentamento à violência contra a pessoa idosa;
- Divulgação, potencialização e fortalecimento da rede de proteção ao idoso em conformidade com o Estatuto do Idoso;
- Articulação e integração dos serviços nas áreas de saúde, assistência social, educação, cultura, esporte e lazer;

- Desenvolvimento de atividades terapêuticas nos Centros de Convivência;
- Desenvolvimento de parcerias institucionais;
- Realização de atividades culturais e sócio-educativas.

2.1 Ações desenvolvidas anualmente em regime de parceria

- **CAMPANHA DE IMUNIZAÇÃO**: contra a Influenza, H1N1, Pneumonia, Hepatite B e Febre Amarela, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde – SEMUSA;
- **PALESTRAS EDUCACIONAIS**: palestras sobre saúde realizadas em parceria com as instituições de ensino privado, como as faculdades FIMCA, UNIR, SÃO LUCAS e ULBRA.
- **SERVIÇOS DE GINÁSTICA, HIDROGINÁSTICA**: Realizados semanalmente com parceria da SEMES, que disponibiliza duas educadoras físicas que contam com quatro turmas de 30 alunos cada.
- **FISIOTERAPIA**: Realizada pelos alunos da FIMCA, quatro vezes por semana, sob supervisão de um professor Fisioterapeuta.

3. PLANO DE AÇÃO PARA O ANO DE 2018 NO CCI

3.1 Cronograma Semanal de atividades fixas

PERIODO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA

MANHA	07:30 - **CAFÉ DA MANHÃ** 08:00 – 09:30 – **GINÁSTICA PROF PATRICIA** 08:00 – **PASSEIO DE MICRO-ÔNIBUS** 08:00 - 10:00 - **ARTESANATO NO PÁTIO** 10:30 – **LANCHE**	07:30 - **CAFÉ DA MANHÃ** 08:00 – 09:30 – **HIDROGINÁSTICA PROF PATRICIA** 08:00 - 10:00 - **ARTESANATO NO PÁTIO** 09:00 – 10:00 – **FISIOTERAPIA (FIMCA)** 10:30 – **LANCHE**	07:30 - **CAFÉ DA MANHÃ** 08:00 - 10:00 - **ARTESANATO NO PÁTIO** 09:00 – 10:00 **MOMENTO DE REFLEXÃO** 09:00 – 10:00 – **FISIOTERAPIA (FIMCA)** 09:00 – 10:30 **OFICINA COM MATERIAL RECICLÁVEL** 10:30 - **LANCHE**	-07:30 - **CAFÉ DA MANHÃ ENSAIO CORAL** 08:00 – **PASSEIO DE MICRO-ÔNIBUS** 08:00 – 09:30 – **HIDROGINÁSTICA PROF PATRICIA** 09:00 – 10:30 **OFICINA COM MATERIAL RECICLÁVEL** 08:00 - 10:00 - **ARTESANATO NO PÁTIO** 09:00 – 10:00 – **FISIOTERAPIA (FIMCA)** 10:30 - **LANCHE**	07:30 - **CAFÉ DA MANHÃ APRESENTAÇÃO DO GRUPO MUSICAL** 08:00 - 10:00 - **ARTESANATO NO PÁTIO** 09:00 - **BINGO RECREATIVO** 09:00 – 10:00 – **FISIOTERAPIA (FIMCA)** 10:30 – **LANCHE**
TARDE	**JOGOS DE MESA** 14:00 – **FISIOTERAPIA DRA DENISE** 16:30 - **LANCHE**	**JOGOS DE MESA** 16:00 – 18:00 **HIDROGINÁSTICA PROF ALINE** 16:30 – **LANCHE**	**JOGOS DE MESA** 14:00 – **FISIOTERAPIA DRA DENISE** 16:00 – 18:00 **HIDROGINÁSTICA PROF LEANDRO** 16:30 – **LANCHE**	**JOGOS DE MESA** 16:00 – 18:00 **HIDROGINÁSTICA PROF ALINE** 16:30 - **LANCHE**	**JOGOS DE MESA** 14:00 – **FISIOTERAPIA DRA DENISE** 16:00 – 18:00 **HIDROGINÁSTICA PROF LEANDRO** 16:30 - **LANCHE**

3.2 Planejamento estratégico das ações

JANEIRO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**
DIÁRIO	EXPEDIENTE	**RECESSO/TRABALHO**	CCI	Materiais

		INTERNOS/PLANEJAMENTO DE AÇÕES PARA 2018.		expedientes.
08/01	EXPEDIENTE	**RETORNO DO ATENDIMENTO NO CCI**.	CCI	-

FEVEREIRO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**
09/02	MANHÃ	**BAILE DE CARNAVAL "CCI NA FOLIA"** Com competições de bloco de carnaval mais animado, música ao vivo com marchinhas de carnaval, enfeites alusivos. Serviremos lanche.	CCI	A definir

MARÇO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**
08/03	MANHÃ	**COMEMORAÇÃO AO DIA DA MULHER**, com uma manhã alusiva, com sorteio de brindes, bingo.	CCI	A definir
29/03	MANHÃ	**FESTA DE PÁSCOA**, decoração temática, entrega de lembranças, peça teatral e coral.	CCI	A definir

		BOLO COMEMORATIVO DOS ANIVERSARIANTES DO PRIMEIRO TRIMESTRE.		

ABRIL				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**
A DEFINIR	MANHÃ	**ABERTURA CAMPANHA DE IMUNIZAÇÃO INFLUENZA H1N1, PNEUMONIA**, em parceria com a SEMUSA.	CCI	A definir

MAIO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**
11/05	MANHÃ	**FESTA EM HOMENAGEM AO DIA DAS MÃES**, com música ao vivo, entrega de lembranças, sessão de embelezamento, em parceria com o SENAC, almoço.	CCI	A definir

JUNHO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/**

				RECURSOS NECESSÁRIOS
15/06	MANHÃ	**PALESTRA DE COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA.**	CCI	A definir
22/06	MANHÃ	**ARRAIÁ ARRIBA SAIA**, com apresentação de quadrilha, e com lanches típicos. **BOLO COMEMORATIVO DOS ANIVERSARIANTES DO SEGUNDO TRIMESTRE**.	CCI	A definir

JULHO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**
26/07	MANHÃ	**CONCURSO DO VOVÔ E VOVÓ MAIS TOP EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO VOVÔ E DA VOVÓ**, manhã de animação, onde será servido também um almoço.	CCI	A definir

AGOSTO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**

10/08	MANHÃ	**FESTA DE DIA DOS PAIS**, seresta, entrega de lembranças e almoço.	CCI	A definir

SETEMBRO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**
24/09 a 28/09	MANHÃ	**SEMANA DO IDOSO**, evento com vasta programação, som ao vivo, sorteio de brindes, lanches, visita de grupos de idosos dos distritos mais próximos. **ESCOLHA DE MISS E MISTER PVH**. **BAILE COMEMORATIVO DOS ANIVERSARIANTES DO TERCEIRO TRIMESTRE**.	CCI	A definir

NOVEMBRO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**
30/11	TARDE	**MISS E MISTER CHARME E SIMPATIA DA HIDROGINÁSTICA**, evento em parceria com a SEMES.	CCI	A definir

DEZEMBRO				
DIA	**HORÁRIO**	**AÇÕES DESENVOLVIDAS**	**LOCAL**	**MATERIAIS/ RECURSOS NECESSÁRIOS**
14/12	MANHÃ	**FESTA DE ENCERRAMENTO**, com som ao vivo, lanche, sorteio de brindes. **BAILE COMEMORATIVO DOS ANIVERSARIANTES DO QUARTO TRIMESTRE**.	CCI	A definir

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Plano de Ação do CCI para o ano de 2018 visa dar continuidade aos trabalhos que vêm sendo executados através da Direção do Centro e da Coordenação de Proteção Social Básica da Secretaria Municipal de Assistência Social – CPSB/SEMAS. Vale ressaltar que a programação das atividades poderá sofrer algumas alterações e/ou adaptações, visando sempre o atendimento holístico para a pessoa idosa.

Porto Velho, 31 de JANEIRO de 2018.

ELABORAÇÃO:

LUCI MARIA RODRIGUES DA SILVA SOUSA
Gerente do Centro de Convivência do Idoso – CCI/SEMASF

UNIR
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa: "Qualidade de vida de idosas na zona urbana de Porto Velho: os impactos positivos do benefício de prestação continuada – BPC" que tem como objetivo " avaliar os impactos positivos do BPC na vida das idosas beneficiárias Acreditamos que ela seja importante, pois houve um aumento da população idosa e conhecer um pouco desta, é de grande importância em especial na elaboração de novas políticas públicas.

Participação do estudo – A minha participação no referido estudo será de responder uma entrevista com o pesquisador.

Riscos e Benefícios – Fui alertada que, da pesquisa a se realizar, não haverá qualquer benefício ou recompensa financeira.

Sigilo e Privacidade – Os pesquisadores se responsabilizam pela confidencialidade dos dados, bem como a exposição dos dados da pesquisa em consonância com os princípios éticos que norteiam a pesquisa.

Autonomia – É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, bem como me garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Declaro que fui informada de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Pesquisador: João Batista Alves de Jesus
Telefone para contato: (69) 99922-7171
E-mail para contato: joao.jesus@unir.br

Declaração – Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo e tive a oportunidade de discutir as informações do mesmo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e estou satisfeita com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via será arquivada por 5 anos pelo pesquisador. Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu manifesto meu livre

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG

consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou pagar, por minha participação.

Uso de Imagem - Haverá uso de imagem, bem como da entrevista gravada e posteriormente transcrita.

Devoluvitva dos resultados – A devolutiva dos resultados será apresentada individualmente as participantes da pesquisa, de forma presencial.

Maria Nazaré Rocha

Participante da pesquisa

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa: "Qualidade de vida de idosas na zona urbana de Porto Velho: os impactos positivos do benefício de prestação continuada – BPC" que tem como objetivo " avaliar os impactos positivos do BPC na vida das idosas beneficiárias Acreditamos que ela seja importante, pois houve um aumento da população idosa e conhecer um pouco desta, é de grande importância em especial na elaboração de novas políticas públicas.

Participação do estudo – A minha participação no referido estudo será de responder uma entrevista com o pesquisador.

Riscos e Benefícios – Fui alertada que, da pesquisa a se realizar, não haverá qualquer benefício ou recompensa financeira.

Sigilo e Privacidade – Os pesquisadores se responsabilizam pela confidencialidade dos dados, bem como a exposição dos dados da pesquisa em consonância com os princípios éticos que norteiam a pesquisa.

Autonomia – É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, bem como me garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Declaro que fui informada de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Pesquisador: João Batista Alves de Jesus
Telefone para contato: (69) 99922-7171
E-mail para contato: joao.jesus@unir.br

Declaração – Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo e tive a oportunidade de discutir as informações do mesmo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e estou satisfeita com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via será arquivada por 5 anos pelo pesquisador. Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu manifesto meu livre

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG

consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou pagar, por minha participação.

Uso de Imagem - Haverá uso de imagem, bem como da entrevista gravada e posteriormente transcrita.

Devoluvitva dos resultados – A devolutiva dos resultados será apresentada individualmente as participantes da pesquisa, de forma presencial.

Nazare Maia Gomes

Participante da pesquisa

UNIR
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa: "Qualidade de vida de idosas na zona urbana de Porto Velho: os impactos positivos do benefício de prestação continuada – BPC" que tem como objetivo " avaliar os impactos positivos do BPC na vida das idosas beneficiárias Acreditamos que ela seja importante, pois houve um aumento da população idosa e conhecer um pouco desta, é de grande importância em especial na elaboração de novas políticas públicas.

Participação do estudo – A minha participação no referido estudo será de responder uma entrevista com o pesquisador.

Riscos e Benefícios – Fui alertada que, da pesquisa a se realizar, não haverá qualquer benefício ou recompensa financeira.

Sigilo e Privacidade – Os pesquisadores se responsabilizam pela confidencialidade dos dados, bem como a exposição dos dados da pesquisa em consonância com os princípios éticos que norteiam a pesquisa.

Autonomia – É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, bem como me garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Declaro que fui informada de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Pesquisador: João Batista Alves de Jesus
Telefone para contato: (69) 99922-7171
E-mail para contato: joao.jesus@unir.br

Declaração – Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo e tive a oportunidade de discutir as informações do mesmo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e estou satisfeita com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via será arquivada por 5 anos pelo pesquisador. Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu manifesto meu livre

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG

consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou pagar, por minha participação.

Uso de Imagem - Haverá uso de imagem, bem como da entrevista gravada e posteriormente transcrita.

Devoluvitva dos resultados – A devolutiva dos resultados será apresentada individualmente as participantes da pesquisa, de forma presencial.

Terezinha de Jesus Ribeiro Silva

Participante da pesquisa